



A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento de Educação

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

Ana Maria Gomes

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação Especial-
Domínio Cognitivo e Motor

Orientador:

Doutor Armindo Rodrigues, Professor, Instituto Superior Ciências Educativas

Odivelas, outubro de 2017

Ana Maria Gomes

Resumo

Relembrando os princípios proclamados na Carta das Nações Unidas, que reconhecem os direitos iguais e inalienáveis como base para a fundação da liberdade, justiça e paz no mundo e citando o *artigo 30, ponto 5 e alínea d*, onde visa assegurar que as crianças com deficiência têm direito, em condições de igualdade com as outras crianças, a participar em atividades lúdicas, recreativas, desportivas e de lazer, incluindo as atividades inseridas no sistema escolar.

Partimos, assim, do pressuposto de que, através de atividades físicas e de manifestações lúdicas, é revelado no cotidiano dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), suas características próprias de desenvolvimento esse que propicia fatores de inclusão social e de integração através da prática desportiva adaptada (Boccia), obtendo assim benefícios efetivos no campo da saúde mental, propiciadores de uma integração efetiva e real na sociedade.

Com este trabalho, pretende-se verificar se a introdução do Núcleo de Desporto Escolar-Boccia na Unidade de Multideficiência (UM) e restantes alunos com e sem NEE do AE de Vialonga - 2º, 3º Ciclo de Vialonga, enquadrada no âmbito da CLDE-LOVFX, vai contribuir para o aumento da vitalidade física, mental e social destes alunos, assim como verificar se a mesma contribuiu para uma inclusão entre pares. Assim sendo, usamos como meio para a desenvolvimento do trabalho prático, quatro encontros de Desporto Escolar Boccia. Será uma análise qualitativa pois iremos recorrer a uma metodologia de ação e observação direta para a recolha de dados.

Esta metodologia apresenta-se como mais adequada a um dos nossos propósitos; o de uma forma impessoal sobre um tema preciso: A relevância do Desporto Escolar Boccia no desenvolvimento dos alunos com NEE. Foram elaboradas entrevistas aos alunos implicados, pais e professores. O estudo enquadra-se no paradigma de investigação qualitativa.

Definiu-se assim, na primeira parte do Enquadramento Teórico, uma abordagem dos conceitos de Educação Especial, Inclusão, Multideficiência/Unidades de Multideficiência, Desporto Escolar, Desporto Adaptado e Descrição da Modalidade/Boccia.

Na segunda parte deste trabalho, definiu-se a questão de pesquisa -



A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

-O Projeto Desporto Escolar- Boccia, implementado no Agrupamento de Escolas de Vialonga influenciou positivamente a inclusão dos alunos com NEE?

Palavras-chave: Educação especial; multideficiência; inclusão; desporto adaptado, desporto escolar boccia;

“Trata-me como pessoa educa-me para a vida...”

Prof. Doutor João Casal

Abstract

Recalling the principles proclaimed in the United Nations Charter, which recognizes the equal and inalienable rights as the basis for the foundation of freedom, justice and peace in the world and citing the *Article 30, Paragraph 5, Point D*, which aims to ensure that children with disabilities have, on an equal basis, the same conditions the other children have to participate in recreation, sports and leisure activities, including school activities.

Being so, we assume that through physical activities and recreational events, shown in the daily lives of students with special educational needs, their own development characteristics are favorable to the social inclusion and integration factors through adapted sports (Boccia), thus obtaining effective benefits in the field of mental health, enabling an effective and real integration into society.

This work is intended to determine whether the introduction of the Sports in School Department (Núcleo de Desporto Escolar) - Boccia at the Multiple Disabilities Unit and remaining students with and without special educational needs studying at the AE Vialonga - 2nd and 3rd course of study in Vialonga belonging to the CLDE-LOVFX, will contribute to a higher physical, mental and social activity of these students, as well as whether the same contributed to their inclusion among peers. Therefore, in order to develop this practical work, four Sports in School - Boccia meetings were held. It will be a qualitative analysis, as we will be using an action and direct observation methodology for data collection.

This methodology proves to be the most suitable for one of our purposes, in an impersonal manner on a specific topic: The relevance of the School Sports - Boccia in the development of students with special educational needs. The implied students, parents and teachers were interviewed. The study is part of the qualitative research paradigm.

Accordingly, in the first part of the Theoretical Framework, an approach to the concepts of Special Education, Inclusion, Multiple Disabilities/Multiple Disabilities Units, School Sports, Adapted Sports and Boccia Discipline Description was defined.



A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

In the second part of this work, defined the research question – The Boccia School Sport Project implemented in the Vialonga Schools Group positively influenced the inclusion of the students with Special Educational Needs?

Key words: special education; multiple disabilities; inclusion; adapted sports; school sports
- boccia;

“Treat me as a person, teach me for life...”

Prof. João Casal

Dedicatória

“Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma.

O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.” *Fernando Pessoa*

Ao meu sonho especial - Ser uma das melhores Atletas de Portugal- que me ajudou a moldar e me tornou a pessoa incrível e forte que sou hoje.

Posso dizer que sinto muito orgulho de mim mesma. Lutei contra preconceitos e juízos de valor, ao abraçar esta modalidade, não foi fácil, mas consegui através da persistência, da teimosia e do trabalho árduo alcançar os meus sonhos.

Aos amigos portadores de deficiência, com quem convivi na infância, que me ajudaram a acreditar que tudo seria possível.

Acredito que tudo o que se faz por amor nesta vida
é o que realmente importa!!!!

Obrigada Miguel Latas

Em memória do aluno do Currículo Funcional

Agradecimentos

Está prestes a concluir-se mais uma etapa da minha formação académica e essencialmente como Mulher, que em muito contribuirá na minha vida pessoal e profissional. Não poderia finalizar esta fase sem agradecer, com toda a franqueza, a todos os que para ela contribuíram e que foram fundamentais ao longo deste meu percurso académico.

Devo agradecer, inicialmente, aos alunos e professoras da Unidade de Multideficiência e à turma do 6º H, assim como aos pais desses alunos do Agrupamento de Escolas de Vialonga- E. B 2º,3º Ciclo de Vialonga que tão bem abraçaram e aceitaram o projeto de Desporto Escolar- Boccia e que foram fundamentais para que o projeto tivesse sucesso. A todos eles, muito obrigada pelo empenho e disponibilidade demonstrado.

Agradeço, também, ao corpo de Direção do Agrupamento de Escolas de Vialonga e aos meus colegas de grupo disciplinar de Educação Física, que contribuíram sem dúvida para que o projeto se tornasse um êxito, foi um convívio salutar que tão bem dignifica a nossa profissão e que nos faz acreditar que só através da partilha e de um bom clima se conseguem feitos extraordinários nos nossos alunos.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao Professor Doutor Armindo Rodrigues, orientador deste Mestrado, que desde o início sempre me disponibilizou a sua dedicação e colaboração na orientação deste mestrado, contribuindo enormemente para que várias transformações positivas acontecessem com a minha pessoa.

A todos eles, o meu sincero, Muito Obrigada!

Abreviaturas

AE.....Agrupamento de Escolas

ACAdaptações Curriculares

APA Adequações no Processo de Avaliação

APM Adequações no Processo de Matricula

CEB Ciclo de Ensino Básico

CEI Currículo Específico Individual

CIF Classificação Internacional de Funcionalidade

CLDE-LOVFX....Coordenação Local do Desporto Escolar de Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira

DA Dificuldades de Aprendizagem

EE Ensino Especial

EEE Equipas de Educação especial

EUA Estados Unidos da América

IE Intervenção Educativa

INSEA..... Internacional Society for Education Through Art

LBSE Lei de Bases do Sistema Educativo

ME Ministério da Educação

NEE Necessidades Educativas Especiais

UM.....Unidade de Multideficiência

OCDE Organização

OMS Organização Mundial de saúde

PE Programa Educativo

PEI Plano Individual do Aluno

REE Regime Educativo Especial

TEIP.....Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

ÍNDICE

Resumo	ii
Abstract	4
Dedicatória	6
Agradecimentos	vii
Abreviaturas	viii
ÍNDICE	i
Índice de tabelas	iv
1- Introdução	5
Parte I- Enquadramento Teórico	8
2.1- Educação Especial	9
2.1. 1- Perspetiva Histórica da Educação Especial	9
2.1.2. <i>Necessidades Educativas Especiais</i>	12
2. 1.3- <i>Tipos de Necessidades Educativas Especiais</i>	17
2.1.4- <i>Necessidades Educativas Especiais Permanentes</i>	18
2.1.5- <i>Necessidades Educativas Especiais Temporárias</i>	19
2.2-- Categorias Específicas de NEE	19
2.2.1- N.E.E. de Caráter Intelectual	19
2.2.2- N.E.E. de Caráter Processológico	19
2.2.3- N.E.E. de Caráter Emocional	19
2.2.4- N.E.E. de Caráter Motor	20
2.2.5- N.E.E. de Caráter Sensorial	20
2.3- Unidades de Apoio à Multideficiência	20
2.4- Conceito de Inclusão	22
2.4.1- A Escola Inclusiva/Inclusão pelo Desporto	24
2.4.2- Vantagens da Inclusão no Desporto/Educação Física.....	25
2.4.3- A Importância da Expressão Motora no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	27
2.4.4- O Desporto Como Terapia	29
2.5- Intervenção Educativa	31
2.6- O Desporto Escolar	34
2.6.1- A História do Desporto Escolar	34
Passaremos a descrever as datas mais importantes da história do Desporto Escolar:.....	34
2.6.2- Contextualização do Desporto Escolar	37
2.6.3- Estrutura organizacional	38
2.6.4- Conceito de Desporto Escolar	38
2.6.5- Conceito de Desporto Adaptado	39
2.6.6- Perspetiva Histórica do jogo Boccia.....	40
2.6.7- Caracterização do Desporto Adaptado- Boccia	41

PARTE II – COMPONENTE EMPÍRICA	44
3. Metodologia	45
3.1- Definição do Problema	46
3.2- Objetivos do Estudo.....	47
3.2.2- Objetivos Específicos	47
3.3- Tipo de Estudo	48
3.4- Sujeitos e Contexto do Estudo	49
3.4.1- Caracterização dos Sujeitos do Estudo	49
3.4.2 - Caracterização Do Meio	51
3.4.3 - Caracterização da Escola.....	51
3.4.4 - Caraterização Geral do Projeto	52
3.5- Instrumentos de Recolha de Dados	53
3.6- Procedimentos	55
4- Resultados do estudo.	56
4.1- Apresentação e Descrição dos resultados.....	56
4.1.1- Observação dos treinos e competições.....	56
Treinos.....	57
Competições.....	57
Objetivos da Observação Direta dos Treinos e Competições.....	60
4.1.2- Entrevistas	63
4.2- Discussão e Interpretação dos Resultados	66
5 – Conclusão	68
Limitações do Estudo.....	69
6- Bibliografia	71
6.1- Referências Bibliográficas.....	71
6.1- Sitografia.....	77
7 - ANEXOS	A
ANEXO 1- Pedido de Autorização das entrevistas – Diretor Agrupamento/Encarregados Educação	A
Exmos. Senhores Encarregados de Educação.....	B
ANEXO 2- Guiões das Entrevistas:.....	C
2.1- Alunos do Ensino Regular	C
Entrevista a alunos do ensino regular:.....	C
2.2- Alunos da UM e Currículo Funcional	D
2.3- Alunos que desistiram da prática do Boccia	E
<i>Entrevista a alunos que desistiram da prática do Boccia:</i>	<i>E</i>
2.4- Pais dos Alunos Intervenientes no Projeto.....	E
Entrevista aos pais Dos Alunos Intervenientes no Projeto.....	E
2.5- Professores dos Alunos Intervenientes no Projeto.....	F
2.5.1- Professores - Alvo: Educação Especial.....	F
Entrevista aos Professores dos Alunos Intervenientes no Projeto.....	F
Professores - Alvo: Educação Especial	F

2.5.2- Professores - Alvo: Educação Física	G
Professores - Alvo: Educação Física.....	G
Anexo 3- Protocolo das Entrevistas.....	H
Entrevista a alunos do ensino regular (entrevista 1):	H
Caracterização do Sujeito:	I
Caracterização do Sujeito:	K
Entrevista a aluno do ensino regular (NEE):	K
Caracterização do Sujeito:	M
Entrevista a aluno da Unidade de Multideficiência e Currículo Funcional (entrevista 1):	M
Caracterização do Sujeito:	N
Entrevista a alunos da Unidade de Multideficiência e Currículo Funcional (entrevista 2):	N
Caracterização do Sujeito:	O
Entrevista a alunos que desistiram da prática do Boccia (Entrevista 1):.....	O
Caracterização do Sujeito:	P
Entrevista a aluna NEE que desistiu da prática do Boccia (Entrevista 2):	P
Caracterização do Sujeito:	Q
Entrevista aos Pais dos Alunos Intervenientes no Projeto (entrevista 1)	Q
Caracterização do Sujeito:	R
Entrevista aos pais Dos Alunos Intervenientes no Projeto (entrevista 2)	R
Caracterização do Sujeito:	T
Entrevista aos professores Dos alunos intervenientes no projeto (Entrevista 1)Professores – Alvo: Educação Especial (UM)	T
Caracterização do Sujeito:	V
Entrevista aos professores Dos alunos intervenientes no projeto (Entrevista 2)	
Professores - Alvo: Educação Especial.....	V
Caracterização do Sujeito:	W
Entrevista aos professores Dos alunos intervenientes no projeto (Entrevista 3)	
Professores - Alvo: Educação Especial.....	W
Caracterização do Sujeito:	X
Professores - Alvo: Educação Física (Entrevista 1)	X
Caracterização do Sujeito:	Y
Caracterização do Sujeito:	AA
Professores - Alvo: Educação Física (Entrevista 3- Coordenadora Do Desporto Escolar)AA	
Anexo 4 - Plano Anual de Atividades de Educação Física 2016/17	CC
Anexo 5 - Plano de Avaliação das Competências Gerais dos Alunos UM.....	EE
Anexo 6 – Documento Orientador de Boccia Fase Local	GG
Anexo 7 – Classificações Do Desporto Escolar Boccia/Apuramento Regional	LL

Índice de tabelas

Tabela 1- Alunos intervenientes no projeto.....	49
Tabela 2- Caracterização da população alvo.....	50
Tabela 3- Cronograma dos treinos.....	57
Tabela 4- Cronograma das Competições.....	58
Tabela 5- Observação Direta dos Treinos/Competições	61
Tabela 6- Categorias e Subcategorias dos das entrevistas	63

1- Introdução

“...trate as pessoas como se elas fossem o que deveriam ser,
e ajude-as a tornarem-se naquilo que elas são capazes de ser...” Goethe

A presente dissertação insere-se no âmbito da obtenção de grau de Mestre na Educação Especial no Domínio Cognitivo e Motor. E tem como objetivo verificar se a introdução do Núcleo de Desporto Escolar- Boccia na Unidade de Multideficiência do Agrupamento de Escolas de Vialonga (2º, 3º Ciclo de Vialonga) enquadrada no âmbito do Desporto Escolar do Centro Desportivo de Escolas de Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira, vai contribuir para o aumento da vitalidade física, mental e social destes alunos, assim como verificar se a mesma contribuiu para uma inclusão entre pares.

A prática desta modalidade visa obter e promover fatores de inclusão social e promoção de hábitos de uma saúde mental desejáveis, para pessoas com e sem paralisia cerebral.

A Educação Física e o Desporto Escolar são uma componente essencial da qualidade da educação e uma parte integral do eterno desejo de aprendizagem. As aulas de Educação Física e o Desporto Escolar, contribuem, mais do que outras disciplinas, para a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na comunidade escolar, já que contribuem para o desenvolvimento dos três domínios fundamentais do comportamento: cognitivo (capacidades intelectuais); afetivo (sentimentos, opiniões, atitudes, crenças, valores, interesses, desejos); e psicomotor (desempenho motor e forma física). O desporto e as atividades físicas criam grandes oportunidades das crianças com NEE se integrarem com sucesso.

A educação é um direito fundamental à própria existência que remonta aos tempos mais longínquos. No entanto, a história mostra-nos que para alguns nem sempre foi assim, nomeadamente para os indivíduos com NEE. Nas últimas duas décadas, a tendência da

política social tem consistido em promover a integração/inclusão, a participação e o combate à exclusão. Com a democratização do ensino, foi possível permitir o acesso à escolaridade de todas as crianças e jovens. A escola passa então a estar aberta a todos, enquadrando-se aqui o conceito de escola inclusiva. A escola inclusiva “preconiza que os objetivos educacionais e o plano de estudos, são os mesmos para todos independentemente das diferenças individuais de natureza física, psicológica, cognitiva ou social que possam surgir” (Despacho conjunto nº 05/97, de 1 de julho).

Os princípios proclamados na Carta das Nações Unidas, veem reconhecer os direitos das crianças com deficiência na prática de desporto, como sendo iguais e inalienáveis, sendo esses direitos a base para a fundação da liberdade, justiça e paz no mundo. Citando o *artigo 30, ponto 5 e alínea d*, onde visa assegurar que as crianças com deficiência têm, em condições de igualdade com as outras crianças, a participar em atividades lúdicas, recreativas, desportivas e de lazer, incluindo as atividades inseridas no sistema escolar.

Na escola atual, emerge com relevância a diversidade escolar como fator que desafia e exige mudanças curriculares. Cada vez mais, a diversidade étnica, cultural, religiosa constitui uma referência central para a ação das escolas e dos professores. Estes pressupostos constituem, portanto, os suportes da flexibilização curricular e das respostas curriculares alternativas ao currículo único. A crescente “valorização da diversidade e da defesa da igualdade de oportunidades educativas para todas darem lugar a que, na escola, se encontrem condições para respeitar as diferenças e as necessidades específicas de cada aluno” (correia, 1997, pág. 5).

“Tem-se assistido em Portugal a uma crescente preocupação com o desenvolvimento da eficácia do sistema educativo (...) o desafio (...) consiste em conseguir que alunos diferentes passam a ceder, nas escolas e, se possível, nas classes regulares a um currículo básico comum e ter acesso a diferentes programas de nível pós-básico que lhes garantam a integração social e profissional mais adequado aos seus interesses e as suas capacidades.” (Costa, 1999, pág. 78-79)

Ao nível educativo existe um conjunto de estratégias e modificações que se podem aplicar no âmbito de aprendizagem e nos métodos de trabalho do docente, com vista a melhorar o desempenho escolar dos alunos com NEE. Assim é importante estabelecer estratégias que

permitam mais facilmente, ajustar o comportamento da criança, de tal modo que esta aprenda e deixe que os outros alunos da turma onde se encontram integrados, aprendam também.

No contexto atual da escola para todos é necessário adequar as práticas no sentido de uma filosofia o mais integradora possível (correia, 1997, pág. 10). Deste modo e de acordo com o tema: “A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia”, pretendemos dar resposta à seguinte questão: O Projeto Desporto Escolar- Boccia, implementado no Agrupamento de Escolas de Vialonga influenciou positivamente a inclusão dos alunos com NEE?

A escolha desta temática salienta, tal como foi referido o fato de ser reconhecido o direito à prática do desporto por todos os alunos, o que pressupõe alunos com e sem necessidades educativas especiais (NEE).

Neste caso, de forma a enriquecer as práticas na educação especial, considera-se neste trabalho o papel inovador, em termos de estratégias úteis e válidas, que o Desporto, mais concretamente, Desporto Escolar Boccia, pode ter no desenvolvimento das competências motoras da criança com e sem NEE.

No intuito de facilitar uma leitura e possibilitar uma visão sintética do trabalho passamos a indicar os parâmetros que consideramos pertinentes e relevantes, tratados em cada parte. Este trabalho está dividido em duas partes: Parte I - Enquadramento Teórico do tema e Parte II – Estudo Empírico.

Definiu-se assim, na primeira parte do Enquadramento Teórico, uma abordagem dos conceitos de Educação Especial, Inclusão, Multideficiência/Unidades de Multideficiência, Desporto Escolar, Desporto Adaptado e Descrição da Modalidade/Boccia.

Na segunda parte do trabalho, parte empírica, procedemos à formulação do problema, a metodologia a aplicar, aos objetivos, passando à caracterização da amostra, ao instrumento de recolha de dados.

Foram elaboradas entrevistas aos alunos implicados, pais e professores (escolhidos de forma aleatória). O estudo enquadra-se no paradigma de investigação qualitativa.

Por último, procedemos à apresentação interpretação e reflexões sobre os dados recolhidos. Para finalizar o nosso trabalho, apresentamos a conclusão, seguida da bibliografia, sitografia e anexos. A escolha da bibliografia vem de encontro à temática.

Parte I- Enquadramento Teórico

“Não há, não, Duas folhas iguais em toda a criação.

Ou nervura a menos, ou célula a mais.

Não há, de certeza, duas folhas iguais”. Gedeão, António (1958)

2.1- Educação Especial

2.1. 1- Perspetiva Histórica da Educação Especial

Analisando a evolução histórica da Educação Especial, verifica-se que o modo como a sociedade encara a presença das pessoas com deficiência está estreitamente ligado a fatores sociais, económicos e culturais que são subjacentes a cada época. Desde serem abandonadas nas florestas atenienses ou aniquiladas nos desfiladeiros espartanos, época clássica, a serem alvo de receios, medos e superstições na Idade Média, até serem tratadas como loucas e internadas em orfanatos, manicómios, prisões e outro tipo de instituições estatais, séculos XVII e XVIII, várias foram as soluções encontradas pela sociedade para dar resposta à situação destes indivíduos. No entanto, todas elas têm um ponto em comum, a criação “de um mundo artificial para o deficiente, longe da família e da sua comunidade natural. Ali ficavam junto de delinquentes, velhos, pobres...indiscriminadamente.” (Bautista, 1997, pág. 22). De certa forma poder-se-á dizer que este período caracteriza-se pelo pessimismo e negativismo em relação a todo o tipo de deficiência.

A Dinamarca foi o primeiro país a incluir na sua legislação o conceito de normalização entendido como “a possibilidade de o deficiente mental desenvolver um tipo de vida tão normal quanto possível” (Bank-Mikkelsen, cit. por Bautista, 1997, pág. 24).

Também na Suécia surgem movimentos - liderados por Nirje (1967) - que visam tornar acessível às pessoas com deficiência as mesmas condições e modos de vida dos restantes membros da sociedade. Nesta perspetiva a integração escolar pode ser considerada como uma forma de atingir a normalização de padrões e competências sociais defendendo um sistema educativo único “que pretende unificar a educação regular e a educação especial com o objetivo de oferecer um conjunto de serviços a todas as crianças, com base nas suas necessidades de aprendizagem” (Bautista, 1997, pág. 29).

Mais tarde, é criado nos Estados Unidos da América o Decreto-Lei da Educação para todas as crianças deficientes (PL 94-142) uma legislação que veicula direitos iguais para todos os cidadãos. Esta legislação delibera que os alunos devem estudar num ambiente o menos restritivo possível. Cada criança tem direito a um plano educativo individual que a deverá acompanhar ao longo de toda a escolaridade obrigatória.

“As escolas especiais multiplicam-se e diferenciam-se em função das diferentes etiologias: cegos, surdos, deficientes mentais, paralisias cerebrais espinhas bífidas, caracteriais, dificuldades de aprendizagem, etc. Mas, estes centros especiais e especializados, separados dos regulares e com programas próprios, técnicas e especialistas, constituíram e constituem um subsistema de Educação Especial diferenciado, dentro do sistema educativo geral”. (Bautista, 1997, pág. 24).

A Educação Especial continuava ancorada numa plataforma que tinha como bandeira a segregação, ou seja, a criança diferente devia ter um atendimento/ensino especializado. No entanto, este deveria acontecer afastado dos seus pares.

A 2.^a Guerra Mundial (1939-1945), a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), assim como a Proclamação Universal dos Direitos da Criança, (1959) e mais tarde a obrigatoriedade da frequência da escolaridade básica, trouxeram novos ventos de mudança e abriram as mentalidades sociais e políticas vigentes até então.

“Começa-se a valorizar os direitos humanos e os conceitos de igualdade de oportunidades, de direito à diferença, de justiça social que se vão incrementando nas novas conceções filosóficas, político-sociais e jurídicas defendidas por organizações mundiais como a ONU (Organização das Nações Unidas), (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Declaração dos Direitos da Criança, (...) e Declaração dos Direitos da Pessoa Deficiente”. (Vieira & Pereira, cit. por Santos, 2007, pág. 46).

Pensada a universalização da escolaridade e determinada que foi a obrigatoriedade de matrícula e de frequência escolar, para todos os alunos sem exceção, de imediato o Sistema Educativo se confrontou com a real problemática de conviver quotidianamente com a diversidade. Passa então, a ser visível a existência da diferença no aluno patente no modo de ser, na forma de estar, no ritmo de execução de tarefas e no processo de aprendizagem.

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

Tornava-se urgente a criação de um sistema que dessa resposta educativa eficaz àquele que é diferente, mas que tem direito a participar, agir e contribuir para a sociedade.

Torna-se assim evidente que todas as crianças devem receber uma educação similar, cabendo às escolas identificar e responder às necessidades individuais de cada uma, sendo o local por excelência de inclusão do indivíduo na sociedade.

Posteriormente, na conferência Mundial da UNESCO que teve lugar em Salamanca no ano de 1994, concluiu-se a necessidade de alteração do sistema educativo, partindo do pressuposto que qualquer escola deveria ser capaz de acolher todas as crianças, independentemente das suas características físicas e/ou intelectuais, facultando-lhe todos os meios para o seu desenvolvimento tanto escolar como social.

Assistiu-se, assim, às novas correntes educativas onde a “educação especial passa de um lugar a um serviço, sendo reconhecido ao aluno com NEE o direito de frequentar a classe regular, possibilitando-lhe o acesso ao currículo comum através de um conjunto de apoios apropriados às suas características e necessidades. Nascem, as escolas inclusivas” (Correia, 2005, pág. 9).

Em Portugal a Constituição da República em 1976, vem consagrar a todos os cidadãos o direito à educação gratuita. (Rodrigues, 1990). Desde então, tem-se assistido à publicação de vários diplomas normativos da educação especial, que tem como objetivo compilar num só documento a diversidade legislativa existente sobre a educação especial e, sobretudo, cria as Equipas de Educação Especial “definindo-as como serviços de educação especial a nível local, que abrangem todo o sistema de educação e ensino não superior e que tem como objetivo genérico contribuir para o despiste, a observação e o encaminhamento, desenvolvendo o atendimento direto de crianças e jovens com necessidades educativas decorrentes de problemas físicos ou psíquicos.” (Correia, 1999, pág. 27).

É o Decreto-lei 319/91 de 23 de agosto, que vem dar o grande impulso à inclusão.

Com o surgimento do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro, veio clarificar a necessidade dos apoios especializados a prestar nas escolas portuguesas, no sentido de criar condições para a adequação do processo educativo às necessidades dos alunos com limitações

significativas e permanentes ao nível da atividade e da participação nos vários domínios da vida.

2.1.2. Necessidades Educativas Especiais

O nome de Necessidades Educativas Especiais (NEE), apareceu nos anos 70 através do relatório Warnok Report (1978), como resultado de um estudo que revolucionou as perspetivas de intervenção dentro do campo pedagógico e educativo, em crianças com problemas.

Nos termos da Constituição da República, todos os portugueses têm o direito à cultura e à educação, sendo da responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo assim uma igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar dos alunos (Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986).

Segundo, Correia (1999) refere-se ao conceito de NEE, dizendo, que este termo se ajusta a crianças com problemas físicos, intelectuais, sociais e emocionais, assim como, às dificuldades de aprendizagem, resultantes de fatores ambientais ou orgânicos. Para este autor, este conceito refere-se a crianças que não conseguem acompanhar um currículo normal, como tal deve-se proceder à realização de adaptações de maneira a que façam parte de um processo integrativo e não discriminatório.

Durante o século XX, a Educação Especial sofreu grandes transformações, resultado dos novos ideais sociais, e de um conjunto de decisões legais em que o pressuposto de que a escola deve estar acessível a todas as crianças, e que a sociedade deve proporcionar um programa gratuito e público, adequado às necessidades de cada aluno independentemente do seu problema (Correia, 1999).

Em 1991, o Decreto de Lei 319/91 de 23 de agosto, o conceito de NEE substituiu categorizações do fórum clínico até então utilizadas. Este Decreto foi um marco decisivo, pois garantiu a frequência de vários alunos em escolas regulares, que até esta altura estavam a ser educados em ambientes segregados.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) (1983), a deficiência leva a uma redução ou falta de capacidade para uma atividade dentro dos limites considerados normais

para o ser humano. Esta falta de capacidade é uma desvantagem da pessoa dado tratar-se, de um impedimento que um determinado indivíduo possa ter sofrido, resultante de uma incapacidade ou deficiência e que lhe impede o desempenho de uma atividade que é considerada normal para esse indivíduo, tendo em consideração o sexo, a idade e os fatores socioculturais.

Através da Declaração de Salamanca, proferida pela UNESCO em 1994, foi deliberada a necessidade de um modelo nas escolas inclusivo, no qual esta perspetiva não fosse só uma teoria sem bases, mas mais importante um modelo verdadeiramente integrante de todos os alunos com NEE, em que o princípio fosse uma educação de qualidade, focada essencialmente no aluno, e com um direito de todos os alunos com NEE.

A escola valorizando a educação e proporcionando uma escola inclusiva e democrática, tem como objetivo o sucesso de todas as crianças através de uma resposta adequada às necessidades dos alunos. Isso implica a inclusão de todos os alunos com NEE. Os apoios específicos têm como fundamento responder às necessidades dos alunos que mostrem limitações significativas tanto ao nível da atividade como da participação num ou mais domínios da vida.

Os apoios prestados implicam adequações na intervenção, procedimentos entre outros, assim podemos concluir que as medidas abrangem não só os alunos, mas também o contexto escolar (Decreto de Lei n.º 3/2008).

Todos devemos ter consciência que as crianças com NEE não devem estar só na escola para serem suportadas, mas sim estas crianças têm o pleno direito, que devem crescer e aprender tudo o que lhes for possível.

A educação é um direito que assiste a todas as crianças e também é um direito que um ensino de qualidade permita a inclusão e integração das mesmas (Sim -Sim 2005).

Segundo este autor, o reconhecimento e a identificação de crianças que apresentem NEE incluem, por um lado, as dificuldades individuais e as incapacidades e por outro lado, as condições gerais que o docente apresenta e desenvolve no processo ensino-aprendizagem.

Existem dois critérios para conferir à criança os serviços de Educação Especial: se a criança possuir uma ou mais deficiência e se a sua condição o merecer (*Correia & Cabral 1999*). Os alunos com NEE só beneficiam do ensino em classes regulares, se existir uma

coerência entre as suas características e necessidades, mas também das atitudes e expectativas dos professores de apoios prestados (Correia 2013).

O conceito de NEE surge sobretudo a partir da apresentação ao parlamento britânico do relatório *Warnock (1978)*, o qual foi elaborado com vista à revisão e melhoria do atendimento aos deficientes no Reino Unido. Este relatório representa um vasto grupo de interesses de diferentes classes profissionais: médicos, psicólogos, diretores de escolas especiais, responsáveis pelos serviços sociais, professores universitários, pais de crianças deficientes, Serra (2002). Neste documento propõe-se, para além de outros princípios importantes, a abolição da categorização de deficientes, a substituir pelo conceito NEE, tal como tinha sido referido anteriormente.

O conceito de NEE é aplicado ao desfasamento entre o nível de comportamento ou de realização da criança e o que dela se espera em função da sua idade cronológica. Com o uso do termo, não se pretende que seja excluído o conceito de deficiência, mas pressupõe-se uma mudança de focagem na análise da problemática da criança passando a privilegiar a vertente educacional. Surge assim, dissociado das patologias e diagnósticos clínicos e associados às diferentes necessidades de atendimento e intervenção educativa, em termos escolares e em relação a todos os ambientes e contextos associados à sua educação e evolução natural. Emerge, desta forma, como um “contínuo”, visto não em termos de uma dificuldade particular da criança/aluno, mas em relação a tudo sobre ela: - capacidades e incapacidades e todos os aspetos importantes do processo educativo. As categorias de deficiência são mantidas para efeitos de recolha de dados e para determinar e organizar prestação de serviços.

No entanto deixam de ter utilidade quando se pretende desenvolver a orientação educativa dos alunos nomeadamente a elaboração e implementação de programas educativos.

Destaca-se também a definição proposta na Education Act em Londres, 1981, onde se considera que “uma criança tem necessidades educativas especiais se tiver dificuldades na aprendizagem que requerem a intervenção da educação especial” Como citado em Madureira e Leite (2003, pág. 29).

Em Portugal o DL n° 319/91, fundamentado nas conclusões do relatório Warnock, institucionaliza o conceito de NEE ao substituir as categorias do foro clínico até então utilizadas e ao definir as NEE como a incapacidade ou incapacidade no indivíduo, que se

refletiam numa ou mais áreas de realização das aprendizagens resultantes de deficiência de ordem sensorial, motora ou mental, de perturbações de fala e da linguagem; de perturbações graves de personalidade ou do comportamento; ou graves problemas de saúde.

Este decreto consagra um conjunto de medidas, cuja a aplicação deve ser ponderada, tendo em vista a integração/inclusão dos alunos com NEE na escola regular, estabelecendo nesse sentido o “Regime Educativo Especial (REE)” significa que cabe à escola regular desenvolver todas as estratégias necessárias e oportunas, de modo a responder aos problemas dos seus alunos. segundo o mesmo decreto lei o “Regime Educativo Especial” consiste na adaptação de condições em que se processa o ensino/aprendizagem dos alunos com NEE e traduz-se num conjunto de medidas que consideram a criação de equipa especiais de compensação, adaptações materiais e curriculares, condições especiais de matrícula, de frequência e de avaliação, adequações na organização de classes ou turma, apoio pedagógico acrescido e educação especial.

Por equipamento especial de compensação entende-se material didático especial e os dispositivos de compensação individual e de grupo.

As adaptações materiais consideram a eliminação de barreiras arquitetónicas, adequações das instalações, as exigências da ação educativa e adaptação do material.

As adaptações curriculares (AC) entendem-se como a redução parcial do currículo e a dispensa da atividade que se revela impossível de executar em função da deficiência.

“Necessidades Educativas Especiais são aquelas que têm certos alunos com dificuldades maiores que o habitual (mais amplas e mais profundas) e que precisam, por isso, de ajudas complementares específicas. Determinar que o aluno apresenta NEE supõe que, para atingir os objetivos educativos, necessita de meios didáticos ou serviços particulares e definidos, em função das suas características pessoais”. Brennam, W.K. (1999. pág. 47).

Atualmente, o Decreto-Lei 319/91 de 23 de agosto foi revogado passando a vigorar o Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. Este novo Decreto-Lei pretende “a promoção de uma escola democrática e inclusiva, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens”.

Este novo diploma apresenta-se como uma peça legislativa central e que circunscreve a população alvo da educação especial aos alunos com limitações significativas ao nível da

atividade e da participação num ou vários domínios da vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, aprendizagem, mobilidade, autonomia, relacionamento interpessoal e participação social.

O Decreto-Lei estabelece as seguintes medidas educativas de educação especial:

- Apoio pedagógico personalizado;
- Adequações curriculares individuais;
- Adequações no processo de matrícula (APM);
- Adequações no processo de avaliação (APA);
- Currículo específico individual (CEI);
- Tecnologias de apoio.

O Decreto-Lei 6/2001, de 18 de janeiro, relativo ao novo modelo de gestão curricular para o ensino básico, veio definir pela primeira vez na legislação o conceito de necessidades educativas especiais de carácter permanente/prolongado. A designação de alunos com NEE de carácter prolongado, refere-se a crianças e jovens que vivenciam graves dificuldades no processo de aprendizagem e participação no contexto educativo/escolar, decorrentes da interação entre fatores ambientais (físicos e sociais) e limitações de grau acentuado ao nível do funcionamento do aluno num ou mais dos seguintes domínios: sensorial (audição, visão e outros); motor, comunicação, linguagem e fala, emocional/personalidade e saúde física.

O Ministério da Educação (2001, pág. 7), numa perspetiva mais próxima dos atuais modelos de intervenção, avança com seguinte formulação para o conceito. “Consideram-se alunos com NEE de carácter prolongado, aqueles que experienciem graves dificuldades no processo de aprendizagem e participação nos contextos escolares, familiar e comunitária, decorrentes da interação entre fatores ambientais (físicos, sociais altitudinais) e limitações de grau acentuado ao nível do seu funcionamento num ou mais dos seguintes domínios: sensorial (visão e audição); motor; cognitivo; comunicação; linguagem e fala; emocional e personalidade”.

Esta breve abordagem quanto à forma como o conceito tem sido entendido e legislado dá-nos ideia da sua abrangência e conseqüentemente da dificuldade no que diz respeito à sua identificação. Muitos investigadores, na tentativa de clarificação do conceito, procuram a

sua operacionalidade com a preocupação em abranger, não só os alunos tradicionalmente portadores de deficiência física, sensoriais, motoras e mentais, mas também, todos aqueles que apresentem algum tipo de dificuldade na aprendizagem ao longo do seu percurso escolar.

Para Bairrão (1998) o conceito de NEE abarca todos os alunos que exigem recursos ou adoções especiais no processo de ensino aprendizagem não comuns à maioria dos alunos da mesma idade, uma vez que apresentam dificuldades ou incapacidades que se refletem numa ou mais áreas de aprendizagem.

Segundo Correia (2008, pág. 23) os alunos com NEE são aqueles que “por exibir determinadas condições específicas, podem necessitar de apoio de serviços de educação especial durante todo ou parte do seu percurso escolar, de forma a facilitar o seu desenvolvimento académico, pessoal e sócio emocional ou seja abrange crianças e adolescentes com aprendizagens atípicas, isto é, não acompanhar o currículo nacional”.

2. 1.3- Tipos de Necessidades Educativas Especiais

Cada tipo de deficiência/dificuldade/necessidade educativa especial, acaba acarretando um género de comportamento e poderá suscitar diferentes formas de reagir, preconceitos e inquietações. As deficiências/incapacidade físicas, tais como paralisias, ausência de visão ou de membros, causam instantaneamente uma apreensão mais intensa, por terem maior visibilidade. Já a deficiência/incapacidade mental e a auditiva, por sua vez, são pouco percebidas inicialmente pelas pessoas, mas causam mais stress, à medida que se toma consciência da realidade das mesmas. As NEE podem ser de dois tipos: permanentes ou temporárias. As permanentes exigem uma modificação generalizada do currículo, que se mantém durante todo ou grande parte do percurso escolar do aluno. Neste grupo inserem-se as crianças e adolescentes cujas alterações significativas no seu desenvolvimento foram provocadas por problemas morfológicos, funcionais, ou por défices socioculturais e económicos graves. Uma NEE temporária exige uma modificação parcial do currículo de acordo com as características do aluno, que se mantém durante determinada fase do seu percurso escolar. Podem traduzir-se em problemas de leitura, escrita ou cálculo ou em

dificuldades ao nível do desenvolvimento motor, perceptivo, linguístico ou socio emocional. (Serra et al, 2006)

De acordo com Dias, Coutinho e Chaves, (1993), as crianças com NEE são aquelas que apresentam algumas das seguintes características:

- Diferenças sensoriais, motoras e físicas (incluindo problemas auditivos, de linguagem, visuais e de ordem física).
- Diferenças cognitivas (incluindo deficiência mental e dificuldades de aprendizagem).
- Dificuldades de relação, problemas emocionais e de comportamento.
- Crianças cognitivamente e artisticamente superdotadas, que também requerem uma intervenção educativa especial, para que seja conseguido um efetivo e total desenvolvimento do seu riquíssimo potencial.

2.1.4-Necessidades Educativas Especiais Permanentes

As necessidades educativas especiais permanentes exigem uma adaptação do currículo generalizado, sendo objeto de avaliação sistemática, dinâmica e sequencial, de acordo com os progressos do aluno no seu percurso escolar. As adaptações mantêm-se durante grande parte ou todo o percurso escolar do aluno. De frontamos neste tipo de necessidade educativa especial com crianças ou jovens com problemas intelectuais e sensoriais, perturbações de carácter emocional e problemas de carácter sociocultural, económico e motor.

Alunos com dificuldades de aprendizagem (DA) estão também incluídos neste grupo dado que patenteiam problemas processológicos, isto é, revelam problemas na receção, organização e expressão da informação.

Crianças detentoras de outros problemas de saúde como a sida, diabetes, asma, hemofilia, problemas cardiovasculares, cancro, epilepsia, etc., foram também alvo de atenção especial (a partir de 1990) por parte das instituições educacionais, pois tratam-se de problemas de saúde que podem originar insucesso escolar nas crianças portadoras destas doenças.

É relevante salientar que em 1990 houve um reconhecimento de mais dois grupos, consumado pelo Departamento de Educação dos EUA, englobando as crianças que sofreram traumatismos cranianos e as crianças autistas.

2.1.5- Necessidades Educativas Especiais Temporárias

As necessidades educativas especiais temporárias exigem uma adaptação parcial do currículo para que se ajuste às características das crianças com problemas perceptivo-motores, de leitura, de escrita e de cálculo durante um determinado período de tempo.

Usualmente revelam-se através de ligeiros problemas de leitura, escrita, cálculo ou atrasos e perturbações menos graves ao nível do desenvolvimento motor, perceptivo, linguístico ou sócio emocional. Nestes casos torna-se fundamental a existência de uma equipa multidisciplinar que visa empregar um programa educativo individualizado (PEI), utilizando pedagogias diferenciadas, metodologias alternativas e estratégias diversificadas; envolve não só a escola, mas também os técnicos, a família, o médico de família e, dependendo da gravidade da deficiência, poderá ainda recorrer a um currículo funcional.

2.2-- Categorias Específicas de NEE

2.2.1- N.E.E. de Caráter Intelectual

Englobam as crianças com deficiência mental, cujos problemas acentuados no seu funcionamento intelectual e comportamento adaptativo lhes causa problemas globais. Abrangem-se também nesta categoria as crianças dotadas e sobredotadas cujo funcionamento intelectual de aprendizagem é superior à média.

2.2.2- N.E.E. de Caráter Processológico

São geralmente designados os alunos com dificuldades de aprendizagem (DA).

2.2.3- N.E.E. de Caráter Emocional

Engloba o grupo de alunos cujas perturbações são de tal maneira graves que põem em causa quer o seu sucesso escolar, quer a sua segurança e a daqueles que os rodeiam.

2.2.4- N.E.E. de Caráter Motor

Abarca todos os alunos com disfunção física ou motora, de caráter congénito ou adquirido que afeta o indivíduo em termos de mobilidade, descoordenação motora ou da fala, decorrentes de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou de malformações. Crianças afetadas por este tipo tão heterogéneo de deficiências podem ter múltiplas manifestações como, por exemplo, a nível de coordenação motora (paralisias totais ou parciais) que pode estar associada a um quadro de paralisia cerebral ou ainda a problemas ortopédicos (malformações ou ausência de partes do corpo), originando diversos graus de incapacidade.

2.2.5- N.E.E. de Caráter Sensorial

Incluem-se, principalmente, os alunos cujas capacidades visuais ou auditivas estão afetadas. No que diz respeito à visão, podemos dividi-los em duas subcategorias: os cegos e os amblíopes. Os cegos são aqueles cuja incapacidade os impede de ler; os amblíopes, mesmo tendo em conta o grau de severidade do problema, são capazes de ler desde que se efetuem modificações no tamanho das letras.

Relativamente aos problemas de audição, estes dividem-se em duas subcategorias: os surdos e os hipoacústicos. Os surdos requerem a linguagem gestual e os hipoacústicos necessitam de qualquer tipo de aparelho de amplificação para facilitar a audição

2.3- Unidades de Apoio à Multideficiência

“Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol, ambos existem...

cada um é como é”. (<http://uaamredonda.blogspot.com>)

De acordo com Correia, L. M. (2008), a Multideficiência é um conjunto de deficiências numa mesma criança, tal como deficiência mental e visual, paralisia cerebral, causadoras de problemas de desenvolvimento e educacionais severos que requerem intervenções

específicas de acordo com a concomitância da problemática. A inclusão das crianças com características multideficientes numa turma dita “normal” representa um desafio para muitos professores que intervêm junto delas, uma vez que lhes exige um trabalho redobrado e uma atualização constante dos seus conhecimentos.

Os objetivos das Unidades de Apoio à Multideficiência (UM) vêm consignados no Decreto-Lei no 3/2008. Pretende-se que as UM promovam a participação dos alunos com multideficiência nas atividades curriculares e de enriquecimento curricular, junto dos alunos da turma a qual pertencem, que apliquem as metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares, tendo em vista o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos, que procedam às adequações curriculares necessárias, adotando opções educativas, de caráter individual e dinâmico e que criem ambientes estruturados, securizantes e significativos cativos para os alunos. É, ainda, objetivo dessas unidades o assegurar apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia e da orientação e mobilidade aos alunos que deles possam necessitar. Por último, essas Unidades devem organizar o processo de transição para a vida pós-escolar (Decreto-Lei 3/2008).

No Agrupamento de Escolas de Vialonga, onde foi criado o Núcleo de Desporto Escolar Boccia e no qual se desenvolve este trabalho de dissertação, existe uma UM e a mesma é abrangida pelo Programa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), e segundo o Ministério da Educação e Ciência, o programa TEIP tem como objetivo criar condições para a promoção do sucesso educativo de todos os alunos e, dada a especificidade dos alunos multideficientes e às barreiras que se colocam à sua aprendizagem e participação nas atividades que realizam nos diferentes ambientes é fundamental:

- centrar a intervenção em atividades da vida real;
- focalizar o currículo no desenvolvimento de competências comunicativas e de orientação e mobilidade.

Desta forma podemos ajudar estes alunos a desenvolver as suas potencialidades, a ser tão independentes quanto as suas capacidades permitem e a ter uma melhor qualidade de vida.

2.4- Conceito de Inclusão

Inclusão não significa promover a adequação ou a normalização de acordo com as características de uma maioria e sim, a um significado de fazer parte conviver e não se igualar.

A ideia fundamental de inclusão é a de adaptar o sistema educativo às necessidades dos alunos. A inclusão propõe um único sistema educacional de qualidade para todos os alunos, com ou sem deficiência e com ou sem outros tipos de condição atípica.

A inclusão baseia-se em princípios tais como:

- a aceitação das diferenças individuais como um atributo e não como um obstáculo;
- a valorização da diversidade humana pela sua importância para o enriquecimento de todas as pessoas;
- o direito de pertencer e não de ficar de fora;
- o igual valor das minorias em comparação com a maioria.

O processo de socialização dá-se de uma forma muito complicada, deve ser um trabalho realizado junto com todos os envolvidos no processo: pais e toda a comunidade escolar. Haverá momentos de exclusão por alguns grupos e isto deverá ser trabalhado inicialmente antes de qualquer atividade, pois é de praxe a aproximação do ser semelhante excluindo o ser diferente.

Atualmente, o conceito de inclusão refere-se à inserção do aluno com NEE, em termos físicos, sociais e académicos nas escolas regulares.

A inclusão pretende, segundo Correia (2003), mostrar a importância da heterogeneidade entre os alunos como um fator primordial, promovendo o desenvolvimento de comunidades escolares. Por conseguinte, ao aluno com NEE deve ser facultada a oportunidade de integrar a classe regular, recebendo os apoios indispensáveis para a realização de progressos académicos e sociais.

Para satisfazer a plena inclusão, é essencial que todos os alunos, independentemente das suas características, aprendam juntos e se fomente o espírito de cooperação. A escola inclusiva representará fielmente o seu papel, quando conseguir acolher todos os discentes,

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

sem qualquer espécie de barreiras, adaptando-se aos vários ritmos e estilos de aprendizagem, indo ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Como refere Correia (2003), o conceito de inclusão consiste na conjugação de três parâmetros fundamentais, a saber:

_ Modalidade de atendimento, seja qual for a severidade da problemática do aluno, este participe na vida escolar, permanecendo na classe regular;

_ Serviços adequados, ou seja, que o aluno com NEE usufrua de serviços de apoio especializados, de forma a maximizar o seu potencial. Estes serviços devem ter lugar, sempre que possível na classe regular;

_ Educação apropriada, de modo que o aluno seja respeitado nas suas características e necessidades e ter em conta as características e necessidades dos ambientes onde ele interage.

A escola que põe em prática estes parâmetros, essenciais à inclusão do aluno com NEE, concorre para o seu desenvolvimento académico, sócio emocional e pessoal.

Alberto Neto (1990), preconiza que a “Escola *Nova* é aquela onde cabem todos os alunos”, e de facto a escola existe por causa deles. Enfatizando a convicção deste autor poder-se-á afirmar que a escola que aceita a diversidade, promove o respeito, na verdadeira aceção da palavra (rês = cabeça e peito = sentimentos, ou seja, dar espaço à existência do outro) e a unidade.

Correia (2003), enfatiza que a escola deverá distanciar-se de “modelos de ensino - aprendizagem centrados no currículo, passando a dar relevância a modelos centrados no aluno em que a construção do ensino tenha por base as suas necessidades singulares”.

Para que tal aconteça, deve existir uma estreita cooperação entre o professor titular e o de educação especial assim como de outros profissionais de educação e os pais do aluno com NEE. Esta é a filosofia subjacente à escola inclusiva e o caminho conducente a uma formação integral do discente com NEE.

Correia (1997, cit. por Correia, 2003), reforça que a inclusão tem como finalidade acabar com a dicotomia entre educação regular e a educação especial. Segundo este autor, existe somente uma educação, em que as crianças com NEE, para atingirem as competências necessárias, usufruem de um conjunto de serviços especializados, no sentido de potencializarem o seu desenvolvimento global.

A inclusão, no que diz respeito à comunidade, promove, na ótica de Correia (2003), a consciencialização e a sensibilização dos seus membros, na medida em que amplia a visibilidade das crianças com NEE no espaço do ensino regular. Na realidade a comunidade vai paulatinamente aceitando estas crianças como parte de um todo, gerando-se um sentimento comum de pertença.

Para além da comunidade, escola e família devem olhar as crianças com NEE, como centro da sua atenção. Também o Estado, na perspetiva de Correia (1995, cit. por Correia e Cabral), na medida em que deverá assumir o seu papel em todo o processo de implantação de um sistema inclusivo eficiente. O cerne da questão está em saber-se transformar o conjunto de diferenças em vantagens educacionais que facilitem a progressão das aprendizagens entre pares. (Aleixo, 2005).

Como dizia Piaget, (1969) “A realidade dolorosa da Pedagogia, assim como da Medicina e outros ramos do conhecimento que abrigam ao mesmo tempo em si arte e ciência, é o facto de os melhores métodos também serem os mais difíceis” (cit. por Tomlinson, 2008, pág. 59).

2.4.1- A Escola Inclusiva/Inclusão pelo Desporto

Um dos objetivos da educação nos nossos dias é construir uma escola para todos os alunos, onde estes possam interagir com colegas do seu grupo etário e ser elementos ativos da comunidade de aprendizagem. Este aspeto enquadra-se na construção da escola inclusiva, onde a heterogeneidade é entendida como um elemento enriquecedor e onde todos os alunos devem aprender juntos e ter oportunidade para se desenvolver. Partiu-se do pressuposto, que através de atividades físicas e de manifestações lúdicas, é revelado no cotidiano dessas pessoas, suas características próprias de desenvolvimento esse que propicia fatores de inclusão social e de integração através da prática desportiva adaptada, obtendo assim benefícios efetivos no campo da saúde mental, propiciadores de uma integração efetiva e real na sociedade. Proporcionando um contexto no qual a pessoa pode adquirir e desenvolver habilidades dentro da sua realidade motora e cognitiva, deixando de encarar o seu corpo como um repositório de frustrações.

2.4.2-Vantagens da Inclusão no Desporto/Educação Física

Oliveira (2013), refere que do ponto de vista psicológico, a atividade física, reduz a depressão e o stress, melhora a capacidade de concentração, tem um impacto positivo na educação das crianças e no desenvolvimento de habilidades de aprendizagem, nomeadamente a nível docente e na realização das atividades quotidianas. A Educação Física é uma componente essencial da qualidade da educação e uma parte integral do eterno desejo de aprendizagem. As aulas de Educação Física contribuem, mais do que outras disciplinas, para a inclusão de alunos com NEE na comunidade escolar, já que contribuem para o desenvolvimento dos três domínios fundamentais do comportamento: cognitivo (capacidades intelectuais); afetivo (sentimentos, opiniões, atitudes, crenças, valores, interesses, desejos); e psicomotor (desempenho motor e forma física).

O desporto e as atividades físicas criam grandes oportunidades das crianças com NEE de se integrarem com sucesso, e conseguirem posteriormente uma maior motivação e interesse pelas atividades da vida quotidiana, acreditando que são capazes de viver com sucesso pois já foram estimuladas anteriormente, nas aulas. Por este fato, além do caráter terapêutico, o aumento da autoconfiança destes alunos, é um dos aspetos mais positivos. Uma das outras vantagens é que a Educação Física ajuda ainda o aluno com NEE, a aumentar a condição funcional das suas capacidades coordenativas e condicionais, como a resistência, a flexibilidade, a velocidade, o equilíbrio, o controlo da postura, o ritmo, a agilidade ou o controlo da orientação espacial, bem como, ajuda a desenvolver a autonomia, o respeito, a cordialidade, a cooperação, a compreensão e a solidariedade entre todos os alunos.

Os benefícios da inclusão dos alunos com NEE na escola regular são evidentes (apesar das dificuldades), todos "lucram" com a inclusão, crianças ditas "normais", crianças com NEE, pais, professores e até mesmo a sociedade. Porém, não são unânimes as opiniões de que se trata de uma medida positiva sem contestação.

Por isso assiste-se na atualidade ao levantamento e enumeração das vantagens da inclusão. Henriques (2012):

a) Benefícios para os alunos com NEE:

-
- Apoio por parte dos colegas;
 - A criança cresce e aprende a viver em ambientes integrados.
 - Aprende junto com os seus pares sem NEE, o que lhe proporciona aprendizagens similares e interações sociais adequadas.
- b) Benefícios para os alunos que não têm deficiências:
- Permite perceber que todos somos diferentes e, por conseguinte, que as diferenças individuais devem ser respeitadas e aceites;
 - Oportunidade de participar e partilhar aprendizagens;
 - Diminuição da ansiedade face aos fracassos ou insucessos.
- c) Benefícios para todos os alunos:
- Compreensão e aceitação dos outros;
 - Reconhecimento das necessidades e competências dos colegas;
 - Respeito por todas as pessoas;
 - Construção de uma sociedade melhor;
 - Desenvolvimento de apoio e assistência mútua;
 - Desenvolvimento de projetos de amizade.

As crianças com NEE, quando colocadas em ambientes inclusivos apresentam, segundo Buysse e Bailey (1993, cit. por Correia, 2003), níveis mais elevados de socialização e melhores padrões de interação verbal com os seus pares.

A inserção de alunos com NEE nos seus ambientes normalizadores promove o espírito de inclusão. Na perspetiva de Karaginis (1996, cit. por Correia, 2003), os alunos com NEE, através das interações com os seus pares adquirem melhores competências académicas, sociais e de comunicação, adaptando-se com mais facilidade à vida na comunidade. As investigações demonstram que a existência de ambientes segregados não beneficia o desenvolvimento cognitivo, sócio emocional e pessoal destes alunos.

A filosofia inclusiva permite que os discentes sem NEE descubram que todos os seres humanos são diferentes e encarem a diferença como facto de enriquecimento pessoal e social. Estes alunos tendem progressivamente a aceitar os seus pares com NEE tornando-se mais cooperantes e solidários, nomeadamente na realização de trabalhos entre pares, dado que impulsiona a comunicação e a interação. Os alunos sem NEE tendem a tornar-se mais sensíveis e compreensivos.

Para Correia (2003), a filosofia da inclusão pretende “retirar o estigma da *deficiência*, preocupando-se com o desenvolvimento global dos alunos com NEE dentro de um espírito de pertença, de participação em todos os aspetos da vida escolar, mas nunca esquecendo as respostas às suas necessidades específicas”.

As vantagens da filosofia inclusiva são também notórias na relação de cooperação que se cria entre professores e restante comunidade educativa na luta por um objetivo comum que consiste em proporcionar uma educação igual e de qualidade para todos os alunos. Desta união de esforços resulta, na ótica de Correia (2003), planificações educativas melhoradas, para os alunos com e sem NEE.

Porém, para que este fim seja alcançado, Correia e Cabral (1997) aconselham a mudança de algumas atitudes e práticas por parte de muitos profissionais da educação e que estes aceitem a responsabilidade de educar todos os alunos, tenham eles NEE ou não. Estes autores salientam ainda que o princípio da inclusão será bem-sucedido se, em primeiro lugar, os cidadãos o interiorizarem como um princípio benéfico para todos.

As sucessivas reformas educativas que têm ocorrido em diversos países do mundo ocidental enfatizam a filosofia da inclusão, assumindo que os alunos com necessidades educativas especiais (NEE) devem fazer parte da comunidade onde vivem, beneficiando do ensino ministrado nas escolas regulares e, sempre que possível, nas classes regulares dessas mesmas escolas. Penso que deve ter sido este princípio que também motivou o Governo português, levando-o a considerar a reestruturação dos serviços de educação especial através da publicação do Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro.

2.4.3- A Importância da Expressão Motora no 1º Ciclo do Ensino Básico

Tal como dissemos anteriormente na perspetiva de Bautista (1997) o modelo de escola para todos pressupõe uma mudança de estrutura e atitudes, rompendo como modelo instrutivo e transmissor de saberes.

Neste sentido a área de expressão motora surge como essencial no caminho para o sucesso de todas as crianças e em especial das crianças com NEE. Se olharmos para o programa do

1.º Ciclo do Ensino Básico é facilmente visível que é atribuído à área de expressão motora um papel relevante, porque permite ver a criança como um ser em evolução constante que necessita de se expressar, de criar, de experimentar, de modo a conseguir ser mais consciente, dinâmica, criativa, com grande sentido de responsabilidade, capacidade de comunicação e capacidade de intervenção no mundo, cada vez mais tecnológico e científico.

Aprender na escola do 1º Ciclo já não consiste somente em saber ler, escrever e contar, mas sobretudo “aprender a aprender”, apostando deste modo numa valorização pessoal e social dos alunos. Atualmente com a inclusão de crianças com NEE, ressalta-nos o papel da área de expressão motora como fator importante na ajuda da formação da personalidade humana, na medida em que além de criarem um clima particularmente favorável ao despertar de faculdades motoras, podem ainda vivenciar um grande número de experiências que de outra forma seria impossível.

Nesta escola inclusiva algo fervilha: a passividade começa a dar lugar à atividade.

Neste processo de aprendizagem o aluno está permanentemente mobilizado e comprometido na medida em que adquire conhecimento sempre através da ação.

Será de referir ainda que a área da Expressão Motora pretende também salvaguardar a espontaneidade das crianças pelo que devem ser sempre apresentadas sobre uma forma lúdica na qual todos participam tanto individualmente como em grupo. Deste modo a criança ao jogar, ao representar vai descobrir, criar, relacionar-se com os outros, inventar, criticar. Assim, ao estimular a razão e os aspetos intelectuais a criança toma consciência das possibilidades do seu corpo, gestos, sentidos, sensibilidade e criatividade de modo a segurar o seu desenvolvimento o mais harmonioso possível.

Segundo o grande dicionário da Língua Portuguesa Expressão deriva do Latim “expressione” e significa “ação ou efeito de expressar a maneira com o gesto, a voz ou a fisionomia”.

Para Arno Sternn (1977, citado por Sousa s/d, pág. 7) “expressão é a formulação de sensação gravadas no organismo que não tem outra linguagem para manifestar” é assim a exteriorização de toda uma vida interior.

Podemos considerar dois tipos de expressão que correspondem às duas formas que o homem utiliza vulgarmente para comunicar: expressão oral e expressão gestual. A

primeira, é sinónimo de linguagem. É a mais pura forma de entendimento entre os seres humanos.

A segunda não só anda a par da anterior, mas ultrapassa-a por vezes, chega mesmo a substituí-la. Quantas vezes um sorriso, um aceno de mão ou um simples gesto não dizem mais do que muitas palavras? Quantas vezes não desmentem até as nossas palavras?

São inúmeras as vezes que nos entendemos ou que nos fazemos entender através dos gestos.

No nosso dia-a-dia, usamos o gesto e a expressão motora frequentemente em situações de determinado ruído, quando nos falta certos termos ou desconhecemos a palavra mais indicada para determinadas situações.

2.4.4- O Desporto Como Terapia

São vários os significados que encontramos para terapia, embora todos eles apontam para “tratamento”, “cura”, ou mesmo “terapêutica”, este último segundo a enciclopédia luso Brasileira da cultura. Este termo quando ligado à pedagogia aparece da seguinte forma: “PEDAG. Ação Psicopedagógica, individual ou em grupo, realizada com crianças ou adolescentes escolares inadaptados. A A.P.T., também chamada “pedagogia curativa”, surge assim como uma pedagogia de recuperação que ignora ou ilude a reconversão institucional das escolas e do contexto social, verdadeiros responsáveis pelas desadaptações das crianças e dos adolescentes” (Breda Simões, 1977).

Há quem associe os problemas de comportamento a crianças agressivas ou hiperativas, no entanto, segundo Kirk e Gallagher (1991), comportamentos problemáticos incluem também crianças imaturas (desatentas, desinteressadas, lentas, preguiçosas, sonolentas, caladas) e retraídas por ansiedade, as ditas tímidas. Estes comportamentos geram dificuldades de comunicação e dificultam a educação. Podem resultar de um sentimento de medo, de ansiedade, de falta de confiança em si e dificuldade em compreender ou se relacionar com a realidade.

São diversos os sintomas que a criança pode apresentar e que são idênticos pedidos de ajuda, aos quais o professor deve estar atento e reagir com calma e paciência, empregando

dispositivos pedagógicos de aprendizagem diferentes Perrenoud, (2000), o que implica conhecimento que lhe permitam, no momento certo, empregar a metodologia adequada a cada criança.

Para que a criança esteja disponível para aprender, é importante que ela esteja bem consigo própria e com os outros, usufruindo da “terapia do amor”, da “terapia do respeito” e da “terapia da compreensão”.

E se é importante o papel dos pais em todo o processo educativo, não é menos importante o do professor, pois:

- é ele que passa a maior parte do dia com as crianças;
- é um modelo que a criança imita;
- é quem está mais perto dos afetos da criança;
- é quem de forma lúdica, pode levar a criança a libertar-se das tensões através de atividades que propõe e de uma interação positiva e constante com a mesma;
- é quem, em parceria com os pais, pode perceber o que se passa com a criança e ajudá-la a resolver alguns dos seus conflitos.

É então necessário, segundo Zabalza (2000), traçar objetivos, planificar e delinear conteúdos, propondo à criança atividades que possam satisfazer os seus desejos e necessidades.

E uma destas necessidades é segundo este autor (1992), a criança liberta-se das suas tensões através de “atividades físicas, simbólicas e catárticas, que eliminam a energia acumulada” (pág. 109) e lhe permitam fortalecer o Eu.

Assim, o professor deve possibilitar à criança várias experiências que não só lhe permitam perceber as preferências do seu educando, como também envolvê-lo numa aprendizagem ativa e significativa. Armstrong (2001), no seu livro “Inteligências Múltiplas na sala de aula” confirma isto mesmo, levando-nos a crer que as crianças que se vêm privadas deste leque de experiências são prejudicadas no seu desenvolvimento.

As crianças com problemas de comportamento e comunicação têm dificuldades de socialização, sendo também as atividades físicas uma boa estratégia para promover os trabalhos em grupo. Não se aconselham atividades muito prolongadas, uma vez que o seu tempo de concentração é curto, pelo que as técnicas devem ser faseadas e repetidas, a fim de serem interiorizadas e ser dada toda a atenção ao processo criativo, observando-se um

aumento da capacidade de concentração (Leite e Malpique). É nesta medida que o professor deve ter outras propostas de atividades em reserva, capazes de responder a uma atitude de insatisfação, agressividade ou oposição por parte da criança relativamente à tarefa que está a ser desenvolvida.

Falar em “terapia” nas escolas equivale a falar num ambiente calmo, acolhedor, seguro e num espaço organizado, sem materiais em excesso que dispersem a criança. Aqui o educador trabalha criativamente na surpresa, despertando a curiosidade daquela e criando-lhe o gosto pela descoberta.

Numa atitude disponível e carinhosa, o professor interage com a criança, pondo à sua disposição materiais, através dos quais ela pode representar as suas vivências e melhorar o seu estado emocional.

2.5- Intervenção Educativa

Este ponto é muito importante uma vez que é a função que o professor desempenha.

Deve o professor/educador encorajar a atividade física, pois a prática de atividade física, para indivíduos com deficiência, pode proporcionar benefícios, como a oportunidade de testar os seus limites e potencialidades, prevenir os problemas secundários à sua deficiência e promover a integração do indivíduo na sociedade. Por isso, os praticantes de atividades físicas, apresentam melhorias tanto a nível físico como psicológico, podendo-se observar ganhos variados, como o aumento da auto estima, integração social, redução da agressividade, entre outros (Melo e Lopéz, 2002).

A nós, professores, como agentes educativos e seres humanos, cabe-nos o papel de melhorar a qualidade de vida destas crianças, criando uma escola acessível, uma sala de aula que seja um espaço confortável de aprendizagens e de interações constantes e adotando práticas pedagógicas diferenciadas que vão de encontro às necessidades individuais de cada criança e lhes deem resposta.

Reforçando a ideia que um professor tem sempre que se manter preocupado e interessado com o sistema de ensino, com os alunos e seus problemas, tem de tentar ser uma pessoa

atualizada no que consiste aos conteúdos que leciona, mas também no estado atual do País e da evolução dos tempos.

Coreia (1997, pág. 161) sugere que o sucesso dos alunos “dependerá do desenvolvimento de programas de formação para professores que promovam a aquisição de novas competências de ensino, que lhes permitam ser responsivos às necessidades educativas de crianças”.

A importância da Educação Física para os alunos com NEE e a relação professor aluno Mazzotta (1982) citado por Filho e Junior et al (2009), afirma que as pessoas com NEE são aquelas que “(...) em razão de desvios acentuados, de ordem física, intelectual, emocional ou sociocultural, apresentam necessidades educacionais que, para serem adequadamente atendidas, requerem auxílios ou serviços especiais de educação”.

De acordo com PAIM, (2007): “Ao movimentarem-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamento, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que um simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. Trabalhar com movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor”.

Rodrigues (2003) explica que o tema da educação inclusiva em Educação Física tem sido insuficientemente tratado no nosso país, talvez devido ao facto de se considerar que a disciplina de Educação Física não é essencial para o processo de inclusão social ou escolar. A inclusão escolar, fortalecida pela Declaração de Salamanca, não resolve todos os problemas de marginalização dos alunos com NEE, pois o processo de exclusão é anterior ao período de escolarização, iniciando-se no nascimento ou exatamente no momento em aparece algum tipo de deficiência física ou mental, adquirida ou hereditária, em algum membro da família. Maciel (2000).

Aguiar e Duarte (2005) afirmam que culturalmente, o processo de formação pedagógica do professor de Educação Física tem sido colocado em segundo plano, prevalecendo os conteúdos das disciplinas de cariz técnico desportivo, conhecimentos ao nível da anatomia humana, biológico, em detrimento das disciplinas pedagógicas. Deste modo, a formação vem privilegiando o desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas, que tem por

prioridade o desempenho físico, técnico e o corpo enquanto objeto de consumo.

Sobre o ponto de vista de Maciel (2000), para que haja a verdadeira integração/relação professor - aluno, é necessário que o professor da sala de aula regular e os especialistas de educação das escolas tenham conhecimento sobre o que é as necessidades especiais na educação, quais são seus principais tipos, causas, características e as necessidades educativas de cada deficiência. Ainda do mesmo autor este explica que, a atualização periódica também é indispensável, devendo ocorrer por meio de cursos, seminários e formação em serviço. A integração professor - aluno só ocorre quando há uma visão despida de preconceito, cabendo ao professor favorecer o contínuo desenvolvimento dos alunos com NEE. Não é tarefa fácil, mas é possível. Quando ocorre, torna-se uma experiência inesquecível para ambos. Cabe a todos os profissionais de escolas especiais, de classes especiais, de salas de apoio, a portadores de necessidades especiais, aos teóricos da educação inclusiva, aos profissionais das escolas regulares, às equipas multidisciplinares e de saúde a função primordial da integração de ações, da otimização dos recursos e dos atendimentos, da criação de elos de comunicação que considerem a questão da inclusão social como prioritária e anterior à inclusão escolar.

Na perspetiva de Kitson e Spiby (1997) a intervenção do professor é um aspeto crucial porque, por um lado não deixará que o drama decaia e por outro lado não permitirá o uso de soluções mágicas. É importante garantir uma certa tensão no sentido de contribuir para o sucesso do Desporto.

Assim, o professor não poderá confinar-se ao papel de simples transmissor das regras do jogo. Ribeiro (1998) com base na perspetiva de outros, afirma que compete também ao professor ser observador, o mais atentamente possível, das reações do grupo às suas propostas, de modo a decidir e conduzir o desenrolar dos jogos.

De uma maneira geral o professor deverá sempre motivar as crianças de uma forma positiva, fazê-las sentir as suas vitórias de modo a desenvolverem a sua autoconfiança. Este aspeto é bastante importante especialmente nas crianças com necessidades educativas especiais que necessitam constantemente de um reforço positivo.

Segundo Sousa (1980) a atitude do professor não deverá ser de um julgador, mas a de uma pessoa sempre pronta a prestar apoio e ajuda.

O mesmo autor refere ainda que o professor deve mover-se por entre as crianças, seguro e atento, observador e atuante, se necessário. Isto originará a confiança e amizade indispensáveis ao processo educativo. “O educador é, pois, um guia que orienta a criança para uma descoberta pessoal das potencialidades estabelecendo a relação com o mundo social, em que a criança está inserida” (Sousa, 1980, pág. 28).

Na opinião de Courtney Richard (1974) é importante que o professor aceite e seja aceite pelos membros do grupo e que as tarefas propostas sejam adequadas ao nível etário dos alunos. Para além disso o professor deve assumir atitude de permissividade, incentivando a progressiva responsabilização e autonomia do grupo.

2.6- O Desporto Escolar

2.6.1- A História do Desporto Escolar

Passaremos a descrever as datas mais importantes da história do Desporto Escolar:

- Foi com o surgimento da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, em 1936, que o processo de desenvolvimento do Desporto Escolar começou. Foram, nesse mesmo ano organizadas as primeiras competições desportivas escolares e os primeiros grandes encontros desportivos.
- Em 1966, surgiram iniciativas desportistas a envolver grande concentração de atletas, através da criação dos primeiros Centros de Instrução especializados (exclusivamente nas modalidades de vela e de hipismo).
- O Desporto Escolar, Segundo os moldes da Mocidade Portuguesa, durou até 1973.
- Com o Decreto-Lei n.º 82/73 de 3 de março, surge o reconhecimento da importância da Educação Física e das práticas desportivas na educação:
 - A Direção Geral de Educação Física e Desportos passou a assumir as competências que até então estavam sob a alçada da Mocidade Portuguesa.
- Com base no Decreto-Lei nº 694/74 de 5 de dezembro de 1974, dá-se a separação entre a Educação Física e o Desporto Escolar. A primeira ficou sob a tutela das

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

Direções Gerais Pedagógicas, e o Desporto Escolar na dependência da Direção Geral dos Desportos. Para garantir a sua promoção e regulamentação, surgiu a Divisão do Desporto Escolar.

- Com a tomada de posse do I Governo Constitucional, em 1976, o Desporto Escolar passou progressivamente da Direção Geral dos Desportos para as Direções Gerais Pedagógicas.
 - Em 1977, foi nomeado um Responsável Nacional para o Desporto Escolar, com funções de coordenação e articulação com as Direções Gerais Pedagógicas.
 - Com as competências relativas ao Desporto Escolar retiradas à Direção Geral dos Desportos, foi atribuída a sua superintendência às Direções Gerais dos Ensinos Básico e Secundário e à Inspeção Geral do Ensino Particular e Cooperativo.
 - A publicação da Portaria n.º 434/78 de 2 de agosto foi o primeiro passo para que o Desporto Escolar tomasse forma enquanto estrutura organizacional:
 - Em 1978, surgem as figuras dos Inspetores Distritais para o Desporto Escolar e dos Coordenadores Concelhios, e foram criados os Serviços de Coordenação de Educação Física e Desporto Escolar nas Direções Gerais de Ensino. A coordenação era dirigida por um Inspetor Superior de Educação Física e compreendia quatro níveis de coordenação: nacional, regional (divisão em zonas), distrital e concelhia. Foi o período dos Grupos Desportivos Escolares – GDE, e foi também nesta altura que o Desporto Escolar chegou, pela primeira vez, ao ensino primário.
 - Foi em 1986, que os Serviços de Coordenação de Educação Física e Desporto Escolar foram extintos. A coordenação das atividades desportivas escolares foi novamente atribuída à Direção Geral dos Desportos que, com base no associativismo juvenil, implementou o projeto “Clube de Jovens”, associado ao modelo desportivo das Federações.
 - Em 1988, foi criado o primeiro grupo de trabalho para elaborar um projeto de Decreto-Lei para o Desporto Escolar que, em 1989, se tornou mais autónomo:
 - Com o Despacho n.º 87/ME/89 foi criado, em regime de experiência pedagógica, o Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, que dependia do Diretor Geral do Ensino Básico e Secundário e do Diretor Geral dos
-

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

Desportos. O ciclo do Gabinete Coordenador do Desporto Escolar culminou com a publicação do Decreto-Lei n.º 95/91 de 26 de fevereiro, que regulamentou a Educação Física e o Desporto Escolar. Em 1993, dá-se a integração nos horários dos docentes, destinados ao enquadramento técnico do Desporto Escolar. É nesse mesmo ano que, pela primeira vez, com um programa específico, o Desporto Escolar abrange as escolas do 1.º ciclo.

- Com o XIII Governo Constitucional, deu-se continuidade ao Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, mas houve transformações:
 - Através do Decreto-Lei n.º 164/96 de 5 de agosto, foram introduzidas alterações nas Leis Orgânicas do Instituto do Desporto e do Ministério da Educação, voltando este último a ser, exclusivamente, o responsável por todas as atribuições em matéria do Desporto Escolar, que deixou assim de pertencer à Direção Geral dos Desportos.
 - Surgiu a criação do Gabinete Coordenador do Desporto Escolar pelo Decreto-Lei n.º 165/96 de 5 de agosto, com o objetivo de planear, dinamizar e coordenar o Desporto Escolar no Ensino Básico e Secundário. O organismo, que passou a ter autonomia administrativa e financeira, foi equiparado a subdireção-geral, passando a incluir na sua sustentação legislativa questões que, até aí, não estavam consagradas na lei.
 - Em 2003, o Desporto Escolar deixou de ser subdireção-geral, passando a integrar a DGIDC – Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, passando a incluir valências no âmbito da saúde. A partir de 2006, e ainda integrado na DGIDC, o Desporto Escolar foi diluído na orla dos vários projetos educativos, assumindo o estatuto de equiparação a Chefia de Divisão.
 - Com a criação da Direção-Geral da Educação é criada também a Divisão do Desporto Escolar, que recupera assim a sua focalização no programa orientador.
 - A presença do Desporto Escolar em competições internacionais, que começou ainda antes de 1974, através da Mocidade Portuguesa, na FISEC (International Sports Federation for Catholic Schools), mantém-se nos dias de hoje:
 - Desporto Escolar participa não só nas provas da FISEC, mas também da ISF (International School Sport Federation), em várias modalidades.
-

-
- Em 2013/2014, mais de 181 mil alunos estiveram inscritos no Desporto Escolar, que se praticou em todas as escolas do ensino público do país. Com o Futsal a liderar a tabela das modalidades mais praticadas.
 - No mesmo ano letivo, o Desporto Adaptado reuniu a participação de cerca de 4.000 alunos.
 - O Desporto Escolar no 1º Ciclo tornou-se numa aposta ganha: o sucesso do projeto-piloto, implementado em 2013/2014 e que envolveu a participação de 1353 alunos e de 22 docentes, em 11 agrupamentos de escolas em vários pontos do país, fez com que, em 2014/2015, se alargasse o projeto a 33 agrupamentos. (<http://desportoescolar.dge.mec.pt/historia>)

2.6.2- Contextualização do Desporto Escolar

A Lei de Bases do Sistema Educativo prevê que as atividades curriculares dos diferentes níveis de ensino devem ser complementadas por ações orientadas para a formação integral dos alunos.

De acordo com este normativo “o desporto escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como fator de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados” (artigo 51.º).

Entende-se por Desporto Escolar (DE) o conjunto das práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo (Decreto-Lei n.º 95/1991).

São destinatários do DE os alunos dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas do ensino público, do ensino particular e dos estabelecimentos de ensino cooperativo, dependentes ou não do Ministério da Educação, desde que legalmente reconhecidas.

O DE baseia-se num sistema universal e aberto de modalidades e de práticas desportivas, organizadas de modo a integrar harmoniosamente as dimensões próprias desta atividade, designadamente o ensino, o treino, a recreação e a competição.

O PDE 2017/2021, que agora se apresenta, define as orientações para a realização dos Projetos que irão contribuir para a melhoria da literacia física dos alunos, de acordo com as recomendações da Organização Mundial de Saúde e da Resolução da Assembleia da República n.º 94/2013 (relativa à promoção do desporto escolar e da prática desportiva pelos jovens).

2.6.3- Estrutura organizacional

A estrutura organizacional do Desporto Escolar integra diferentes níveis e âmbitos:

- Nacional (Coordenação Nacional do Desporto Escolar - CNDE),
- Regional (Coordenações Regionais do Desporto Escolar - CRDE),
- Local (Coordenações Locais do Desporto Escolar – CLDE),
- Clubes de Desporto Escolar (CDE), associados aos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas.

2.6.4- Conceito de Desporto Escolar

Segundo Sousa (2006, pág. 12) O Desporto Escolar é “(...) o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema

educativo” (Artigo 5.º – “Definição”, Secção II – “Desporto Escolar”, do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de fevereiro).”

É missão do Desporto Escolar contribuir para a formação integral e realização pessoal de cada aluno, cumprindo o compromisso com o que se consagra no artigo 79 da Constituição da República Portuguesa: *“todos têm direito à cultura física e ao desporto”*.

“O Desporto Escolar visa promover o acesso à prática desportiva regular de qualidade, com o objetivo de contribuir para a promoção do sucesso escolar dos alunos, de estilos de vida saudáveis e de valores e princípios associados a uma cidadania ativa” (<http://desportoescolar.dge.mec.pt>).

O Desporto Escolar promove uma educação para a cidadania, através da aposta no bem-estar físico e na promoção da saúde, e continua a ser um instrumento privilegiado na renovação da vida da escola, permitindo uma melhoria qualitativa e quantitativa da prática desportiva.

O Desporto Escolar contribui para formar cidadãos conscientes e ativos na sociedade, assim, como contribui para a promoção de valores, nomeadamente:

- Responsabilidade;
- Espírito de equipa;
- Disciplina;
- Tolerância;
- Respeito.

2.6.5- Conceito de Desporto Adaptado

O Desporto Adaptado representa, por um lado, um dos mais importantes fatores promotores do sucesso educativo, inclusão e desenvolvimento psicossocial, e por outro lado, o combate ao abandono escolar e discriminação das pessoas com deficiência.

O desporto, como hoje o conhecemos, tem a sua origem na história da atividade física e do movimento humano. Nos primórdios da Humanidade (3000 a.C. até 500 a.C.), o processo de seleção natural baseava-se na força e na resistência física necessárias às atividades básicas de sobrevivência, como a caça, a pesca, a defesa contra predadores e/ou território, determinando assim a lei do mais forte. Neste contexto ambiental, por vezes hostil,

indivíduos com algum tipo de ciência eram alvo de rituais de purificação, exorcismo e até sacrifício.

Apenas no século XX, devido ao elevado número de veteranos de guerra com deficiências adquiridas em combate nas grandes guerras mundiais, e a necessidade de os reabilitar, é que as sociedades ocidentais se viram forçadas a rever as suas conceções e atitudes face à de ciência. A prática desportiva passa então a ser vista e aceite como a melhor forma de intervenção, com o objetivo de promover a sua reintegração na sociedade.

Este período foi pródigo na constituição de organizações internacionais dedicadas ao fomento e à organização de competições desportivas voltadas para pessoas com deficiência, contribuindo para o surgimento e a consolidação do conceito de Desporto Adaptado. Desde então, este fenómeno tem granjeado simpatizantes e sobretudo o reconhecimento da sua importância para a inclusão destas populações numa sociedade mais justa e igualitária, assumindo-se como uma das componentes da organização social mais dinâmica.

2.6.6- Perspetiva Histórica do jogo Boccia

O Desporto Boccia é oriundo das civilizações gregas e romanas.

O Boccia tornou-se numa modalidade Paralímpica em 1984, nos jogos de Nova Iorque e é considerada a modalidade principal para atletas portadores de paralisia cerebral.

O Desporto Boccia chegou a Portugal em 1983.

Em 1984 o país conquistou uma medalha de ouro nos Jogos de Nova Iorque. Dois anos depois, em 1986, Portugal "deu cartas" nos primeiros campeonatos do Mundo, já com a participação de 12 países.

O Boccia tem sido integrado no Desporto Escolar ao longo dos tempos e possui um quadro competitivo, em que se consideram duas categorias: a primeira, em que jogam alunos em cadeira de rodas; e a segunda, em que os alunos jogam em pé.

Em relação aos escalões são únicos e obedecem a condições prévias do praticante: têm de se encontrar a frequentar o 2º ou 3º ciclos do ensino Básico ou Ensino secundário.

O género é misto, e é permitido, durante o jogo, a permanência e o apoio de assistentes técnicos desportivos aos jogadores, em conformidade com o previsto nas regras.

2.6.7- Caracterização do Desporto Adaptado- Boccia

O Boccia é um desporto indoor, de precisão, em que são lançadas bolas, seis de couro azul e seis vermelhas, com o objetivo de as colocar o mais perto possível de uma bola branca chamada “jack”, ou “bola alvo”. É permitido o uso das mãos, dos pés ou de instrumentos de auxílio para atletas com grande comprometimento nos membros superiores e inferiores. Esta modalidade pode ser disputada de forma individual, pares ou por equipas.

Antes de começar a partida, o árbitro sorteia através de moeda ao ar, a escolha da cor das bolas: se querem competir com as bolas vermelhas, ou com as bolas de cor azul. Quem escolhe as vermelhas inicia o jogo, jogando primeiro o “jack” e uma bola vermelha.

De seguida é lançada a bola azul. A partir de então, os adversários vão-se revezando, a cada lance, para ver quem consegue posicionar as bolas o mais perto possível do “jack”.

Para ganhar um ponto, o atleta tem de fazer com que a bola fique o mais próximo do “jack”. Caso este mesmo jogador tenha colocado outras bolas mais próximas do alvo, cada uma delas também vale um ponto. Se duas bolas de cores diferentes ficam à mesma distância da esfera branca (jack), os dois lados recebem um ponto. Vence quem acumula maior pontuação.

Assim, os jogadores podem ser classificados da seguinte maneira:

- BC1: Atletas podem competir com o auxílio de assistentes, que devem permanecer fora da área de jogo do atleta. O assistente pode apenas estabilizar ou ajustar a cadeira do jogador e entregar a bola a pedido.
- BC2: os jogadores não podem receber assistência.
- BC3: para jogadores com características funcionais mais limitadas, já que não conseguem arremessar as bolas. No lançamento das bolas, os jogadores utilizam dispositivos auxiliares, calhas, capacetes com ponteiros e são ajudados por um acompanhante que deve manter-se sempre de costas para a área de jogo. Se esta regra for quebrada o jogador sofrerá penalizações.
- BC4: para jogadores com outras deficiências locomotoras, mas que são totalmente autónomos relativamente à funcionalidade exigida pelo jogo, que não podem

receber auxílio.

Consideram-se ainda duas categorias:

- Divisão I – Individual

- Divisão I 1 – Alunos em cadeira de rodas que utilizam calha.
- Divisão I 2 – Alunos que necessitam de Cadeira de Rodas na vida diária e que jogam com pé ou com a mão.
- Divisão I 3 -Alunos em pé sem NEE e jogadores com NEE.

- Divisão II – Equipas

As equipas devem ser constituídas por um mínimo de 3 jogadores e um máximo de 5 jogadores. Em campo têm, obrigatoriamente, de estar 2 jogadores com NEE.

É permitida a participação de praticantes de Boccia em competições, em conformidade com o seguinte:

- a) São elegíveis os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), incluindo os alunos com qualquer tipo e grau de deficiência/incapacidade, alunos sem NEE e sem deficiência/incapacidade.
- b) Não são elegíveis os alunos – praticantes com graves défices cognitivos, sem autonomia para competir. Fases organizativas dos campeonatos escolares

Os praticantes da modalidade de Boccia podem participar em provas no âmbito do Nível I - Atividade Interna e Nível II - Atividade Externa, do Estabelecimento de Ensino.

O nível I - Atividade Interna, da modalidade de Boccia desenrola-se em conformidade com o Plano Anual de Escola.

O nível II - Atividade Externa, da modalidade de Boccia compreende as seguintes fases organizativas dos Campeonatos Escolares:

- a) Fase Local;
-

b) Fase Regional;

c) Fase Nacional.

Os praticantes da modalidade de Boccia do Desporto Escolar podem ainda participar, no âmbito dos Níveis II ou III - Atividade Externa, nas Competições Federadas de Boccia em conformidade com o Protocolo, estabelecido com a Federação Portuguesa de Desporto para as Pessoas com Deficiência (FPDD)/Paralisia Cerebral Associação Nacional de Desporto – (PC-AND) e, ainda, em eventos sob a égide do Comité Paralímpico de Portugal/Paralisia Cerebral Associação Nacional de Desporto (PC-AND). (http://desportoescolar.dge.mec.pt/sites/default/files/re_boccia_13_17_revisto_em_setembro_2016v2.pdf).

PARTE II – COMPONENTE EMPÍRICA

“ Tudo é nada por isso nada deve terminar ”

Christy Brown(Meu pé esquerdo)

3. Metodologia

A investigação científica serve para, através da recolha e análise dos dados pertinentes, construir conhecimentos, prever e controlar fenómenos, sempre com base no rigor e na sistematização. Assim sendo, toda a investigação carece de uma metodologia, ou seja, de uma linha orientadora e de procedimentos sequenciados e rigorosos, para que seja possível alcançar os objetivos definidos.

Como recorda Demo (1981, pág. 21), metodologia significa, etimologicamente, “o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência.” Nenhuma investigação digna desse nome pode prescindir da metodologia, mas importa, contudo, evitar um exagerado e desnecessário rigor. Sousa (2005) defende que não haverá métodos melhores do que outros, mas sim métodos que melhor ou pior servem o estudo pretendido, os seus objetivos e as suas hipóteses ou questões de investigação.

A metodologia de um trabalho científico exige, então, um conjunto de procedimentos e estratégias, que se podem agrupar em três momentos essenciais: a planificação global, a fundamentação teórica e a pesquisa empírica. Cada um destes momentos, por sua vez, tem como caracterizadores atos e estratégias que os especificam.

O estudo inicia-se por uma planificação global, que Borg e Gall (1996) consideram como o passo mais importante de qualquer projeto de investigação. Nesta fase, o primeiro passo consiste no levantamento do problema e na definição dos objetivos. Procuramos que a metodologia e os instrumentos utilizados estejam em consonância com os objetivos a que nos propusemos.

A fundamentação teórica é, como referimos, o segundo momento da investigação e apresenta como objetivo conferir o rigor científico ao trabalho, através da consulta dos resultados da investigação e da opinião de autores de reconhecida idoneidade no domínio do estudo, abrangendo sempre toda a problemática inerente à pergunta de partida.

A pesquisa empírica, última parte do processo, vem contribuir para a procura das respostas, ou seja, a aplicação da opção metodológica do estudo. Trata-se de aplicar o desenho

metodológico definido no projeto, recolher dados, analisá-los e interpretá-los, para confirmar ou infirmar as hipóteses do estudo ou responder às questões da investigação.

3.1- Definição do Problema

O problema da investigação deve partir do contexto de trabalho do investigador e materializa-se na pergunta de partida. Esta constitui “o fio condutor, que deve ser tão claro quanto possível”, e serve para “enunciar o projeto de investigação”, sendo através dela que “o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy e Van Campenhoudt, 1992, pág. 30).

Sabendo que toda a investigação assenta num problema inicial deve, assim, a pergunta de partida apresentar qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência.

Quanto à clareza, significa que esta deve ser precisa, concisa e unívoca. Quanto à exequibilidade deve ser realista, ou seja, adequada aos recursos e às competências do investigador. No que refere à pertinência, deve ser uma verdadeira pergunta, abordar o estudo do que existe e ter uma intenção compreensiva ou explicativa e não moralizadora ou filosófica.

O problema que motivou esta investigação foi tentar compreender se e de que maneira o Desporto Escolar poderia contribuir para uma maior inclusão dos alunos com NEE na escola e nas classes regulares.

Considera-se pertinente realçar o uso de novas práticas pedagógicas inclusivas, através do Desporto Escolar Boccia, por parte da comunidade educativa, no sentido de promover o sucesso de todas as crianças, em especial das crianças com NEE. Com esta investigação pretende-se conhecer e compreender as realidades vividas pelos próprios alunos, no sentido de avaliar se as atividades desportivas, especificamente a prática de Boccia, são promotoras de melhores aprendizagens escolares e de maior inclusão de todos os seus praticantes. Decorrente desta intenção, pretendemos, então, saber, mais especificamente, se o projeto “A Inclusão pelo Desporto Escolar - Boccia” contribuiu positivamente para a inclusão das crianças com NEE. Assim, a nossa questão de investigação é:

- O Projeto Desporto Escolar Boccia, implementado no Agrupamento de Escolas de Vialonga, influenciou positivamente a inclusão dos alunos com NEE?
-

Partindo desta questão de partida, considerou-se pertinente elaborar as seguintes perguntas de investigação:

- Os alunos com deficiência sentiram-se integrados nos treinos e nas competições?
- Que mudança de comportamentos e atitudes provocou nos alunos intervenientes a participação no projeto?
- Como foram as relações de cooperação entre pares?
- Os alunos sem NEE foram aumentando os níveis de aceitação das limitações e falhas dos seus colegas com NEE?

3.2- Objetivos do Estudo

Como se sabe, os objetivos definem as metas que se pretendem alcançar com a realização de qualquer trabalho de investigação. Efetivamente, eles ajudam a definir o caminho a seguir, para, assim, atingirmos o fim a que nos propusemos.

3.2.1- Objetivos Gerais

Para responder ao problema anteriormente enunciado, decidimos formular o seguinte objetivo geral para o nosso estudo:

- Verificar se a participação no projeto de Desporto Escolar Boccia desenvolveu atitudes de respeito e de interação positiva ou modificou os olhares dos alunos sem NEE acerca das potencialidades dos seus colegas com NEE.

3.2.2- Objetivos Específicos

No sentido de atingir este objetivo geral, julgámos apropriado formular os seguintes objetivos específicos:

- Caraterizar os comportamentos dos colegas sem NEE para com os seus colegas com NEE;
 - Caraterizar o grau de participação dos alunos com NEE nos treinos;
 - Identificar atitudes de aceitação das limitações dos alunos com NEE por parte dos colegas sem NEE;
 - Caraterizar o grau de interação e entreajuda entre todos os alunos;
 - Identificar eventuais discriminações na participação em competições;
-

-
- Caraterizar os comportamentos dos alunos em contexto de participação nas competições.

3.3- Tipo de Estudo

O nosso estudo assenta fundamentalmente numa metodologia qualitativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), uma pesquisa qualitativa proporciona uma relação mais estreita entre o pesquisador e o objeto do seu estudo, pelo que esta proximidade poderá enriquecer toda a vertente social deste mesmo estudo e resultar numa recolha de informações vantajosas, impossíveis de obter por meio de outras abordagens. Efetivamente, como acentuam Bogdan e Biklen (1994, pág. 18) a abordagem qualitativa “desenvolve-se numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Na investigação qualitativa, os dados a recolher são essencialmente descritivos, e é atribuída uma particular importância aos pontos de vista dos atores implicados.

Por outro lado, a nossa pesquisa enquadra-se no paradigma naturalista, uma vez que o investigador visita os locais onde se verificam naturalmente os fenómenos, os quais está interessado em analisar para o seu estudo, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas, através da observação de atitudes e comportamentos, de entrevistas e de conversas informais (Bogdan e Biklen, 1994). Esta abordagem permite a realização de estudos detalhados e em profundidade, mas exige que o investigador seja capaz de estabelecer relações de confiança com as pessoas envolvidas na realidade em estudo.

Esta investigação apresenta também características de um estudo de caso, uma vez que se pretende saber se o projeto específico do Desporto Escolar Boccia, em que participaram alunos com e sem NEE, ao longo de um ano letivo, no Agrupamento de Escolas de Vialonga, teve como resultado o incremento de uma maior inclusão na escola e nas turmas, por parte dos alunos participantes no projeto. Como recorda Merriam (1988), citada por Bogdan e Biklen (1994, pág. 89), “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Efetivamente, a finalidade do estudo pretende compreender e interpretar como

é que dois grupos de alunos com características sociais e cognitivas diferentes, à partida, percebem e se relacionam na mesma atividade (Desporto Escolar Boccia).

3.4- Sujeitos e Contexto do Estudo

3.4.1- Caracterização dos Sujeitos do Estudo

Os sujeitos do nosso estudo estão organizados em dois grupos. O primeiro é constituído por todos os alunos que participaram no projeto, os quais foram objeto da observação. O segundo grupo é constituído por representantes de alunos com e sem NEE, de Encarregados de Educação e de professores. Este grupo constituiu os inquiridos por entrevista.

O primeiro grupo, os intervenientes do projeto, é constituído pelos 12 alunos da Unidade de Apoio à Multideficiência e por 12 alunos de várias turmas do ensino regular, dois dos quais igualmente com NEE (seis alunos da turma H do 6º Ano, dois alunos da turma E do 8º Ano, duas alunas da turma G do 5º Ano e dois alunos da turma E do 7º Ano). Todos os alunos frequentam o Agrupamento de Escolas de Vialonga (2º, 3º Ciclo de Vialonga).

Tabela 1- Alunos intervenientes no projeto (primeiro grupo).

Alunos com NEE				Alunos sem NEE			
Idade	Ano	Género	Número	Idade	Ano	Género	Número
15 anos	UM	F	2	13 anos	6º H	F	1
13 anos	UM	F	1	12 anos	6ºH	F	2
16 anos	UM	M	2	12 anos	5ºG	F	2
15 anos	8ºE	M	1	12 anos	6ºH	M	2
14 anos	UM	M	2	13 anos	7ºE	M	1
11 anos	UM	M	1	13 anos	6ºH	M	1
13 anos	7ºE	F	1	14 anos	8ºE	M	1
13 anos	UM	M	4				
Totais		14 alunos		Totais		10 alunos	

Fonte: Elaboração própria.

Na impossibilidade prática de entrevistar com todos os alunos implicados no projeto, bem como os respetivos pais e professores, foi necessário proceder a uma seleção, para formar o segundo grupo de sujeitos, ou seja, aqueles que seriam inquiridos por entrevista. A seleção dos alunos da UM foi realizada na turma, com base na numeração atribuída de um a doze e utilizou-se o Excel para gerar aleatoriamente dois números aos quais corresponderam os alunos em estudo.

Quanto ao grupo proveniente das diferentes turmas, foram realizadas as entrevistas a três alunos que frequentam o Desporto Escolar, bem como respetivos professores de Educação Física e Educação Especial. Para a seleção dos mesmos, como são alunos de diversas turmas, ordenaram-se os nomes por ordem alfabética e foi atribuído a respetiva numeração de 1 a 12 e o processo de seleção foi igualmente gerar números aleatórios no mesmo software.

Tabela 2- Sujeitos do estudo.



Sujeitos participantes no estudo:

- 2 Alunos UM (Género: 2 M)
- 3 Alunos Ensino Regular (Género: 2F; 1M)
- 3 Professores de Educação Especial (Género 1M; 2F)
- 3 Professores de Educação Física (Género 2 M; 1F)
- 2 Encarregados de Educação (Género 2 F)

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 2 apresenta as características de quantidade e género dos sujeitos de cada um dos grupos de entrevistados. Como podemos apurar através da análise da tabela, os alunos do género masculino estão em maioria, porque igualmente maioritários na prática da modalidade Boccia. Foram, assim, realizadas entrevistas a dois alunos da Unidade de Apoio à Multideficiência do AE de Vialonga, bem como aos respetivos Encarregados de Educação. Foram, ainda, efetuadas entrevistas a 3 alunos das turmas regulares, duas alunas sem NEE e um aluno com NEE, 3 professores de Educação Física e 3 professores de

Educação Especial. Os professores entrevistados foram os respetivos professores dos alunos selecionados.

3.4.2 - Caracterização Do Meio

Vialonga é uma freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, com 17,92 km² de superfície e foi elevada a vila em 24 de setembro de 1985. A Escola Básica situa-se nessa mesma freguesia, situada a escassos quilómetros a norte de Lisboa. É uma povoação bastante antiga, que teve na agricultura o seu primeiro fator de desenvolvimento, mas perdeu esse estatuto, sendo agora apenas um dormitório da Grande Lisboa. A Escola está inserida num bairro suburbano e é frequentada por crianças e jovens maioritariamente com graves problemas socioeconómicos e grande diversidade étnica. O aumento do desemprego e da precaridade laboral, juntamente com a atual diminuição dos apoios sociais e o desaparecimento de programas de apoio a nível social, têm dificultado a ação educativa no sentido da real integração de uma cada vez maior faixa da população.

3.4.3 - Caracterização da Escola

A Escola Básica 2º, 3º Ciclo de Vialonga fica situada na Rua Almirante Gago Coutinho, na vila de Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, no distrito de Lisboa.

Foi construída em 1989. Em 1996 passou a Território Educativo de Intervenção Prioritária, com o objetivo de encontrar respostas capazes de promover o sucesso educativo das crianças, procurando proporcionar uma educação mais motivadora e recorrendo ao papel integrador da arte (orquestra de nova geração) e do desporto (35 horas destinadas ao Desporto Escolar), de onde têm saído atletas de renome nacional tal como o jogador Ivan Cavaleiro, grande promessa do futebol internacional, Ilírio Nazaré, campeão nacional de juvenis/200 metros e Júlio Almeida, campeão do triplo salto – Juvenis, e criando condições de estabilidade do pessoal docente.

Desde 1996 que o Agrupamento continua a reivindicar um estatuto diferenciado TEIP. Entrou no plano de requalificação em 2009, mas o projeto ficou suspenso com a tomada de posse do governo de Passos Coelho. É de salientar, ainda, que no Agrupamento foram criadas duas UM, uma no 1º Ciclo e outra no 2º e 3º Ciclos.

3.4.4 - Caraterização Geral do Projeto

Entende-se por Desporto Escolar (DE) o conjunto das práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo (Decreto-Lei nº 95/1991).

O DE baseia-se num sistema universal e aberto de modalidades e de práticas desportivas, organizadas de modo a integrar harmoniosamente as dimensões próprias desta atividade, designadamente o ensino, o treino, a recreação e a competição. Neste caso concreto, pretendíamos, complementarmente às vantagens inerentes a qualquer prática desportiva, promover uma maior inclusão dos alunos com NEE, através do Desporto Escolar Boccia.

O Projeto Desporto Escolar Boccia foi implementado no Agrupamento de Escolas de Vialonga, na E.B. 2º, 3º Ciclo de Vialonga, no ano letivo 2016/17. Com este projeto, por nós desenvolvido e implementado, pretendíamos verificar se a introdução do Núcleo de Desporto Escolar Boccia na Unidade de Multideficiência (UM) e restantes alunos com e sem NEE do AE de Vialonga - 2º, 3º Ciclo de Vialonga, enquadrada no âmbito da CLDE-LOVFX, vai contribuir para o aumento da vitalidade física, mental e social destes alunos, assim como verificar se a mesma contribuiu para uma inclusão entre pares, tanto na escola e nas turmas em geral, como, mais especificamente, entre os participantes do Projeto.

Para o Projeto Boccia definimos objetivos gerais e específicos. Como objetivos gerais, optámos por:

- Estimular atitudes e comportamentos de respeito pelo outro, de responsabilidade e de participação;
- Ocupar o tempo escolar dos alunos, tendo em vista a melhoria do sucesso escolar e educativo;
- Monitorizar as práticas, tendo em vista a inclusão dos alunos com NEE no contexto escolar/desportivo.

Relativamente aos objetivos específicos, pareceu-nos adequado às características dos sujeitos participantes formular os seguintes:

- Garantir uma atividade física corretamente motivada, qualitativamente adequada e em quantidade suficiente, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem;
- Permitir, através dos treinos, a descoberta das possibilidades de aperfeiçoamento interpessoal e do relacionamento com os companheiros.

- Promover a autonomia, pela atribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades efetivas aos alunos, nos problemas organizativos e de tratamento das matérias que podem ser assumidos e resolvidos por eles (os alunos do Desporto Escolar Adaptado vão participar em 4 encontros com os alunos de várias turmas regulares).

- Valorizar a criatividade, pela promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para a elevação da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos das atividades.

- Estimular atitudes e comportamentos de respeito pelo outro, de responsabilidade e de participação;
- Ocupar o tempo escolar dos alunos tendo em vista a melhoria do sucesso escolar e educativo;
- Monitorizar as práticas, tendo em vista a inclusão dos alunos com NEE no contexto escolar/desportivo;
- Aprofundar a ligação entre a escola e os pais/encarregados de educação.

3.5- Instrumentos de Recolha de Dados

As técnicas de recolha de dados utilizadas foram as entrevistas semiestruturadas e a observação direta participante. Em nosso entender, a utilização de observação direta participante e da entrevista, parecem atender às necessidades desta investigação e constituírem a melhor forma de recolher a informação desejada.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a *entrevista* é uma das técnicas mais diretas para recolher informação sobre um determinado fenómeno, através da formulação de questões aos atores implicados, quando não se tem a possibilidade de fazer uma observação desse mesmo fenómeno. Por exemplo, as opiniões, as perspetivas, as expectativas ou os pontos

de vista de um sujeito acerca de um assunto ou de um fenómeno não são suscetíveis de ser obtidas por observação direta. A entrevista foi aqui utilizada para recolher dados descritivos dos inquiridos acerca das suas avaliações sobre os resultados do projeto, permitindo ao investigador fazer uma análise dos dados recolhidos, através de técnicas de análise de conteúdo.

No presente estudo, optámos por utilizar a entrevista semiestruturada, pois, segundo Freire (2006), são várias as vantagens que lhe são atribuídas, nomeadamente, a grande flexibilidade na procura de informação. A construção das questões teve sempre em mente os objetivos do estudo e a população alvo das mesmas.

Os dados obtidos nas entrevistas foram sujeitos à respetiva análise de conteúdo.

A observação consiste no registo e exame sistemático dos factos ou fenómenos que se deseja estudar. Esta técnica compreende a observação individual, coletiva ou de grupos escolhidos, conforme a intenção do estudo.

A observação dos treinos e das competições permitiu-nos verificar e registar a evolução do comportamento, implicação, motivação, entreajuda, além de outros itens, dos alunos participantes. Desta observação direta, em que o observador era simultaneamente participante, na sua qualidade de professor, foi redigido um documento no qual constavam todos os momentos observados nos treinos/encontros/competições realizadas. Este registo destinava-se ao nosso controlo pessoal da evolução do grupo e de cada aluno, sobretudo dos alunos com NEE, para podermos introduzir correções e ajustamentos nas planificações das atividades desportivas, se necessário. Tendo, inicialmente, como objetivo organizar e sistematizar os dados para as planificações, a análise dos registos possibilitou, a posteriori, o fornecimento de resposta ao problema proposto por esta investigação. Por seu turno, as entrevistas pretendiam recolher dados que confirmassem ou infirmassem tudo o que fora recolhido por observação direta dos treinos e das competições ao longo, do ano letivo, pelo que tanto a construção das perguntas do guião, como das categorias de análise estavam, de algum modo, pré-estabelecidas.

Como ocorreu em ambiente natural e sem instrumentos de registo previamente construídos e como o observador era, simultaneamente, o professor do grupo, realizando-se o registo

do observado logo após a atividade desportiva, podemos afirmar que se tratou de uma observação naturalista e participante.

Finalmente, convém acrescentar que, ao longo do ano, pedimos, de vez em quando, a alguns alunos sem NEE que nos fizessem um “relatório” acerca da evolução do projeto, sobretudo nos aspetos psicossociais, e sua integração no mesmo. Também estes pequenos e espontâneos relatórios forneceram dados importantes, que a seu tempo apresentaremos.

3.6- Procedimentos

No que diz respeito às entrevistas foram efetuadas presencialmente, gravadas, com a devida autorização dos intervenientes e dos pais, no que caso dos alunos, posteriormente foram transcritas e, como forma de validação, as transcrições foram dadas a ler aos atores entrevistados.

Como referimos, foram realizadas entrevistas a dois alunos da Unidade de Apoio à Multideficiência do AE de Vialonga, bem como aos respetivos Encarregados de Educação desses alunos. Foram, ainda, efetuadas três entrevistas a 3 alunos das turmas regulares, duas alunas sem NEE e um aluno com NEE, 2 alunos das turmas regulares que desistiram dos treinos/competições, 3 professores de Educação Física e 3 professores de Educação Especial. Destacamos que dada particular ênfase à questão do sigilo e da proteção da identidade dos intervenientes, tal como é suposto e definido por lei.

Da observação direta, naturalista e participante, feita no rescaldo de cada treino e de cada competição, foi redigido um documento global, no qual constavam todos os momentos observados nos treinos, encontros ou competições realizadas. A nossa observação direta dos treinos e competições visava dois objetivos:

- Assinalar o maior ou menor grau de interiorização das habilidades motoras e dos gestos técnicos e táticos, assim como das suas capacidades condicionais e coordenativas;
- Verificar os aspetos psicossociais e relacionais no grupo: - respeito; empenho interação; espírito de equipa; cooperação e motivação.

As observações registadas centraram-se, assim, no conteúdo destes dois objetivos.

4- Resultados do estudo.

Neste capítulo vamos apresentar e analisar os dados recolhidos, quer por observação direta dos treinos e competições, quer por entrevistas realizadas a alguns alunos, a pais e a professores. Em seguida, procederemos à sua discussão e interpretação.

4.1- Apresentação e Descrição dos resultados

Esta apresentação inicia-se com as informações recolhidas por observação direta dos treinos e das competições.

4.1.1- Observação dos treinos e competições

Como já referimos, este projeto foi realizado na Escola Básica do 2º, 3º Ciclo de Vialonga. Este caminho teve início no dia 28 de setembro de 2016, e prolongou-se durante todo o ano letivo, tendo o seu término ocorrido no dia 14 de junho de 2017.

O grupo de Desporto Escolar foi aberto a toda a comunidade escolar, foram dadas as respetivas informações acerca do Desporto Boccia. Aos alunos que se mostraram interessados foi-lhes dada uma folha de inscrição, posteriormente recolhida e submetida na base de dados do Desporto Escolar correspondente ao Desporto Escolar Boccia.

Como foi, igualmente, referido, o Núcleo iniciou-se com 24 alunos no total, 13 alunos pertencentes à UM do 2º, 3º Ciclo de Vialonga e 11 alunos de várias turmas do ensino regular.

Treinos

Todos os treinos foram dados às quartas feiras, das 10.55 às 13.15 horas, organizados por grupos, da UM e das turmas regulares, com e sem NEE.

Tabela 3- Cronograma dos treinos.

Mês	Set/Out	Nov.	Dez	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Dias	28 set; 12,19, 26	2, 9, 6, 23	7, 14	4,11, 18,25	8,15, 22	8, 22, 29	19,26	3,10, 17,31	7,14
Horas treino	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Total Horas	12	12	6	12	9	9	6	12	6
Total Horas Ano letivo – 84 horas									

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver na tabela 3, foram dadas 84 horas ao longo do ano letivo.

O espaço da realização dos mesmos foi junto do refeitório, único espaço coberto com as dimensões aproximadas da realidade de jogo. É de referir que este espaço era frequentado pela maioria dos alunos da Escola, e serviu como forma de impacto na divulgação do Desporto Escolar Boccia, o que resultou muito bem, pois vários alunos foram experimentando a modalidade ao longo do ano letivo.

Competições

As Competições do Núcleo de Desporto Escolar Boccia foram realizadas de duas formas: Competição nível I e Competição nível II. As Competições de nível I dizem respeito às atividades internas propostas no Plano Anual de Atividades do grupo de Educação Física de cada Escola e as competições nível II são as atividades externas, organizadas e

programadas pelo Desporto Escolar da CLDE- LOVFX.

Tabela 4- Cronograma das Competições

Competição Nível I	Encontro entre os alunos da turma H do 6º Ano com a turma UM			
Dia/Mês/Ano	30/05/17			
Competições Nível II	Competição 1 Encontro entre a zona B-VFX	Competição 2 Encontro entre a zona B- VFX e Apuramento da fase B	Competição 3 Apuramento Regional – CLD LOVFX.	Competição 4 Encontro com o Núcleo de Seniores De Odivelas
Dia/Mês/Ano	30/11/2016	01/02/2017	15/03/2017	24/05/2017
Local	E.S. Gago Coutinho-Alverca	E.S Gago Coutinho-Alverca	E.B 2º, 3º da Bobadela	Pavilhão Multiusos Odivelas
Total alunos	23 alunos	23 alunos	23 alunos	12 alunos
Classificações	5º lugar por equipas e 4º lugar- individual	3º lugar por equipas e 4º lugar individual	4º lugar por equipas e 4º lugar individual	Torneio amigável sem classificações

Fonte: Elaboração própria

Os alunos que maioritariamente participaram nas competições foram alunos com NEE.

O Núcleo era composto por:

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

-
- 1 aluno na categoria de cadeira de rodas: (BC1: Atletas podem competir com o auxílio de assistentes, que devem permanecer fora da área de jogo do atleta. O assistente pode apenas estabilizar ou ajustar a cadeira do jogador e entregar a bola a pedido);
 - 3 alunos divisão I – individual;
 - 20 alunos divisão II- Equipas (equipas constituídas por 5 alunos com e sem NEE).

Em relação à competição de Nível I - Atividade Interna, organizou-se, em conformidade com o Plano Anual de Atividades no âmbito da Educação Física, um torneio Boccia entre a UM e a turma H do 6º Ano. A atividade decorreu com a participação de um Encarregado de Educação, o qual se expressou positivamente acerca da mesma.

Os alunos intervenientes na atividade demonstraram espírito de equipa, onde a alegria de competirem juntos esteve sempre presente. Passamos a citar algumas frases do relatório de uma aluna do 6º H em relação à descrição da atividade, comprovativas da nossa conclusão no registo da observação:

“A atividade começou ... os rapazes entraram e foram brincar, as raparigas foram buscar os coletes e começamos a jogar, tenho reparado que algumas raparigas têm saído das suas casas... reparo que um NEE que está aqui à minha frente está a brincar e os NEE estão felizes e a divertirem-se...”

(Aluna, 6º H).

Na Competição de nível II - Atividade Externa, participámos em quatro competições.

Três foram organizadas pela Coordenação local de Vila Franca de Xira e uma foi organizada pela CLDE de Loures e Odivelas para o apuramento dos Campeonatos Regionais.

Para podermos participar nas competições foram necessários os seguintes procedimentos:

- Entregar as fichas de autorização aos alunos, para os respetivos Encarregados de Educação assinarem, nelas constavam as informações acerca do dia, hora e o local em que se realizariam as competições, contendo, ainda, outras informações adicionais para que toda a comunidade escolar estivesse informada sobre a atividade, principalmente os pais dos alunos.
 - Após a data limite da recolha das autorizações, procedia-se ao aluguer do transporte e às marcações das respetivas refeições.
-

-
- No dia das provas comparecíamos no local da realização das mesmas, esse espaço já se encontrava preparado e devidamente organizado. Cada Escola era responsável por, levar dois árbitros para arbitrar os jogos.

Os alunos mostraram-se motivados, atentos e, claro, bastante tensos e nervosos nos primeiros encontros. É de referir que a competição os deixa sujeitos a vários tipos de tensão. Pressão do tempo que não deixa amadurecer decisões, pressão para ultrapassar fadiga, pressão para decidir bem no mais curto espaço de tempo e, claro, a pressão para ultrapassarmos a frustração desencadeada pela derrota, quando acontece.

Assim, e tendo em conta todas as características inerentes ao desporto procurámos, competição atrás de competição, fazer cumprir tanto o respeito como o *fair play*. Este conceito será, eventualmente, aquele que muitas das vezes é esquecido nos clubes, ainda bem que é bastante valorizado e defendido no Desporto Escolar.

Como podemos ver na tabela 5 os resultados das competições de nível II foram bastante positivas:

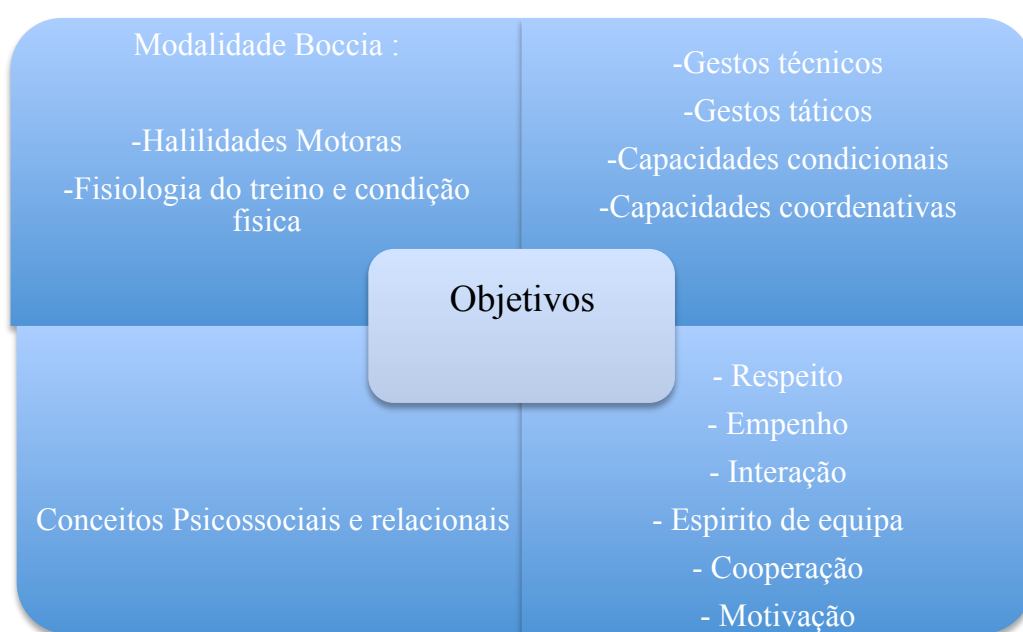
- O aluno de cadeira de rodas ficou em 2º lugar na 1ª competição, nas restantes não compareceu por ordem médica.
- Um aluno da divisão I - individual passou à fase do pré-apuramento para o regional, ficando em 4º lugar no mesmo, não foi selecionado porque apenas o 1º classificado passaria.
- A divisão II - equipa, foi apurada para disputar as meias finais, perdendo pela diferença de uma bola, ficando, assim em 4º lugar.

Objetivos da Observação Direta dos Treinos e Competições

A nossa observação direta dos treinos e competições visava dois objetivos:

- Assinalar o maior ou menor grau de interiorização das habilidades motoras e dos gestos técnicos e táticos, assim como das suas capacidades condicionais e coordenativas;
 - Verificar os aspetos psicossociais e relacionais no grupo: respeito; empenho; interação; espírito de equipa; cooperação e motivação.
-

Tabela 5- Observação Direta dos Treinos/Competições



Fonte: Elaboração Própria

No 1º Período (setembro, outubro, novembro e dezembro) foi dada uma particular atenção às atitudes e aos aspetos relacionais (interação/limitações dos outros e uma maior aceitação das capacidades dos colegas com NEE. Estímulo à relação tática entre pares com e sem NEE.

No 2º Período (janeiro, fevereiro e março) verificou-se já uma interação e entreaduda entre pares de bom nível.

No 3º Período (abril, maio junho) houve uma total aceitação das capacidades e limitações de cada colega com NEE, ensaiando-se as táticas em função das potencialidades e do contributo de cada atleta para o resultado final.

Procurámos sempre informar os alunos, no início dos treinos, de quais os objetivos a serem realizados e quais as situações de aprendizagens novas, focando alguns feedbacks para cada aluno em virtude dos seus desempenhos nos treinos/competições anteriores.

Notou-se, principalmente ao início do ano letivo, que alguns alunos não estavam tão à vontade para realizar as situações de jogo em grupo, por desconhecerem as regras, mas rapidamente as compreenderam, pelo que o medo e insegurança deu lugar à confiança e motivação para alcançar bons feitos.

Pode afirmar-se desde já que, de uma forma geral, os treinos decorreram sempre com entusiasmo e alegria. Pela observação direta foi confirmado esse mesmo ambiente de partilha e bem-estar emocional que o jogo, em forma de lazer, provoca. Pode dizer-se que os níveis de partilha e motivação foram aumentando treino após treino. A aluna do 6º H, anteriormente citada, concluía assim o seu relatório: “Os NEE parecem estar felizes e a divertirem-se...e nós também”.

Vários foram os relatos de alguns alunos(as) acerca da partilha e interação entre pares. Recolhidos ao longo do ano letivo, como referenciámos mais acima, alguns “relatórios” visavam auscultar opiniões sobre os seus pares com deficiência, por exemplo, se deveriam estar em contacto com alunos do Ensino regular, passo a citar algumas das opiniões mais marcantes:

- “Eu acho que os alunos com deficiência têm o mesmo direito do que todos os alunos da escola, pois são deficientes, mas pretendem ser alguém na vida...” (aluna, 6ºH).

- “... Eles podem ser assim, mas o que interessa é o coração pois alguns deles no futuro podem ter vidas bem melhores que nós” (aluna, 6º H).

- “...são iguais a nós...somos todos iguais por dentro e por fora...pois os pais não os devem fechar dentro do quarto...têm vergonha dos próprios filhos.” (aluno, 6ºH).

Tentámos ao longo dos treinos despertar a consciência cívica na preservação da saúde e que os jovens aprendizes de Boccia vissem os treinos como uma forma de vida mais saudável e positiva, em que todos temos a aprender uns com os outros.

Verificaram-se duas desistências dos treinos devido ao facto dos alunos terem dificuldades em conciliar os treinos e os estudos para os testes.

4.1.2- Entrevistas

Recordamos que foram realizadas entrevistas a dois alunos da Unidade de Apoio à Multideficiência do AE de Vialonga, bem como aos respetivos Encarregados de Educação desses alunos. Foram, ainda, efetuadas três entrevistas a 3 alunos das turmas regulares, duas alunas sem NEE e um aluno com NEE, 2 alunos das turmas regulares que desistiram dos treinos/competições, 3 professores de Educação Física e 3 professores de Educação Especial.

As entrevistas foram curtas e muito focadas nas questões do estudo. Tornou-se possível, por isso, concentrar numa grelha única a análise de conteúdo de todas elas.

Tabela 6- Categorias e Subcategorias das entrevistas

Categorias	Subcategorias	Respostas	Nº Alunos Sem NEE	Nº Alunos com NEE	Nº E. de Educação	Nº Professores
Modalidade Boccia	Motivos da opção	- Por ser uma modalidade nova que não conhecia.	2	2	2	6
	Aspetos positivos	-Ir a competições; - Conviver com as outras pessoas.	2	2	2	6
	Aspetos negativos	-Ter poucas competições.	2	2	0	0

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

Treinos	Aspetos positivos	-Conviver com os outros colegas; -Fazer piadas; -Sinto-me bem com os alunos NEE.	2	2	2	6
	Aspetos Negativos	-O local de treino é muito pequeno; - O barulho dos outros atrapalha.	2	2	2	6
Compe tições	Aspetos positivos	- Competir fora da Escola; - Conhecer outras pessoas e realidades.	2	2	2	6
	Aspetos negativos	- Existe pouca competição - Existem muitas pessoas a conversar de fora	2	2	0	0
Relaci oname nto entre alunos com e sem	Existe interação	- Compreensão do outro e de si próprio.	2	2	2	6
	Espírito de equipa	- Gostam de se ajudar e trabalhar em conjunto.	2	2	2	6

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

NEE	Motivação	- Sentem-se com vontade de participar.	2	2	2	6
	Respeito	- Os alunos com NEE são iguais a mim; - Sinto que sou igual quando estou com os alunos sem NEE	2	2	2	6

Fonte: Elaboração Própria

Interrogados sobre as razões de terem optado pelo Boccia, os inquiridos foram unânimes em reconhecer que era por se tratar de “uma modalidade nova que não conhecia”. Por outro lado, “ir a competições” e “conviver com outras pessoas” são os aspetos que mais destacam os alunos, na prática do Boccia. E lamentam que “haja poucas competições”!

Quanto aos treinos, todos os inquiridos reconhecem que são positivos, pelo “convívio com os colegas”, pelo ambiente descontraído (“fazer piadas”) e porque se “sentem bem junto dos alunos com NEE”. Reconhecem, no entanto, que o campo de treinos é pequeno e a sua localização não permite a concentração: “o barulho dos outros atrapalha”.

Segundo os inquiridos, também as competições são muito motivadoras, pois consideram importante “competir fora da Escola” e “conhecer outras pessoas e realidades”. Porém, os alunos consideram que há poucas competições e que, quando estas acontecem, “existem muitas pessoas a conversar de fora”, o que certamente perturba a concentração e o empenhamento dos jogadores.

Quanto ao aspeto central deste estudo – perceber se a prática do Boccia entre alunos com e sem NEE era suscetível de promover a inclusão dos alunos com NEE – as respostas dos inquiridos são francamente positivas. Efetivamente, existe interação entre todos, baseada na “compreensão do outro e de si próprio”; há um forte espírito de equipa, pois todos “gostam de se ajudar e trabalhar em conjunto”; a motivação é grande, pois “sentem-se com

vontade de participar”; há respeito e aceitação mútua, pois “os alunos com NEE são iguais a mim”, afirmam os pares sem NEE, ao que os colegas com NEE retribuem “sinto que sou igual quando estou com os alunos sem NEE”.

4.2- Discussão e Interpretação dos Resultados

Após esta apresentação dos dados recolhidos podemos afirmar desde já que houve sucesso em cada treino/competição e, para isso ter acontecido, foi crucial que os alunos se apresentassem em cada situação de aprendizagem concentrados, empenhados, mas também entusiasmados. Porém, não podemos esquecer que a disciplina é, também, fundamental. A disciplina deve ser entendida num sentido amplo, através do respeito por tudo e por todos. Segundo Costa (2002) é necessário o respeito pelas regras, o respeito pelo adversário, e a disputa sem violência física ou verbal. Julgamos que a disciplina é importante, entre outras, pelo reflexo que tem nas atitudes e valores dos alunos, e porque permite o confronto numa atividade desportiva de forma saudável.

É de referir que os alunos foram responsáveis e esforçados, lutaram competição após competição por um lugar de pódio, ficámos sempre em quarto lugar, mas, apesar de termos perdido por apenas uma bola de diferença, os alunos adotaram uma correta postura no fim do jogo, esforçando-se por controlar as suas emoções e por manifestar uma atitude crítica e saudável, relativamente ao tempo e qualidade de execução dos colegas de grupo. Respeitaram as regras de segurança, bem como colaboraram de uma forma espontânea no aquecimento e na arrumação do material.

Pela nossa experiência pessoal, podemos afirmar que o desporto promove o desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento da motricidade, do autoconhecimento, do amor próprio, da autonomia pessoal e social, do progresso das relações sociais e da cooperação, é assim potencializador do seu desenvolvimento global.

Em relação às questões que nos orientaram nesta investigação, podemos responder de forma muito positiva e favorável a todas elas com um honesto “Sim”. Tal como diz o

ditado popular: “os olhos são o espelho da alma”. Se assim é, o que eles revelaram foi felicidade, bem-estar físico e emocional e simpatia face a tudo o que estava à sua volta. Para além de quanto ficou dito na análise das entrevistas, seja-nos permitido salientar o desabafo espontâneo de uma aluna da UM com NEE de carácter intelectual dizia: “ó *stôra*, gosto tanto de estar aqui... isto é fixe!” E o aluno com trissomia 21 que não passava um dia sem perguntar se tinha Boccia. E o aluno “Menino de Deus” (como lhe chamava carinhosamente), ninguém acreditava que conseguiria concentrar-se numa jogada, quanto mais ganharmos uma competição com a sua ajuda.

Pensamos, assim, que em todos os torneios/competições houve uma mudança positiva em cada interveniente, o balanço final foi positivo e uma mais-valia para todos. Foi uma experiência ótima, os alunos entraram em contacto com outros meios e outros alunos de escolas diferentes, o que é muito bom para promover a prática de atividade física e um estilo de vida saudável e de partilha entre pares.

Ao afirmarem o seu gosto pelas competições, os nossos alunos do Boccia interiorizaram de facto a observação de Araújo (2002): “Os nossos adversários não são os nossos inimigos, mas os que conosco cooperam na árdua tarefa de nos superarmos”.

5 – Conclusão

Ao longo deste trabalho, conseguimos enumerar alguns aspetos fundamentais desta “experiência” única que representou para todos os intervenientes do projeto, alunos, professores e encarregados de educação. Pode afirmar-se à partida que, de uma forma geral, os treinos decorreram sempre com entusiasmo e alegria, pela observação direta foi observado esse mesmo ambiente de partilha e bem-estar emocional que o jogo, em forma de lazer, provoca. Pode dizer-se que os níveis de partilha e motivação foram aumentando treino após treino.

Foi uma mais valia a implementação deste desporto na comunidade educativa, nomeadamente na Unidade de Apoio à Multideficiência. Foi bastante proveitosa ao nível da aquisição de novas competências. O contato real e diário entre alunos/alunos/professores revelaram uma experiência extremamente enriquecedora. Para que isto pudesse ter acontecido é importante referir que sempre existiu um ambiente saudável entre todo o grupo de intervenientes.

O Desporto Adaptado Boccia contribuiu sem dúvida para que os alunos desenvolvessem as suas potencialidades, ajudou-os a serem tão independentes quanto as suas capacidades permitem e a terem uma melhor qualidade de vida. A implementação deste trabalho vem confirmar estes pressupostos, permitindo-nos concluir, tal como afirmaram os especialistas citados na literatura, que as crianças se desenvolvem ao nível da sua capacidade comunicativa, na interação com os outros e ao nível do seu desenvolvimento pessoal.

É de referir que o Desporto Boccia contribui, essencialmente, para o desenvolvimento da motricidade fina; a aquisição desta competência é fundamental para que o aluno adquira uma série de habilidades motoras. Ora, a atividade, o movimento e a comunicação apresentam-se como uma tríade importantíssima para a realização do Programa Educativo Individual dos alunos com NEE.

Neste sentido, a prática de atividades ligadas à expressão física contribui grandemente para o sucesso das crianças com NEE. realidades grupais e contextuais, pela análise e reflexão do que foi feito em cada escola e do que poderá vir a ser feito no futuro. Só assim iremos

ao encontro dos cidadãos, proporcionando a todos, independentemente da sua origem sócio-económica-cultural, a escola a que têm direito, uma escola viva, ativa e criativa. Aquela escola que proporciona uma educação de qualidade, que contribui para o desenvolvimento de uma sociedade democrática, através da formação de cidadãos de corpo inteiro, educados, ativos e interventivos, contribuindo simultaneamente para a justa dignificação da imagem da educação, da escola e do professor.

Assim, é fundamental apostar num verdadeiro plano de formação que envolva todos os docentes, no sentido de os levar a refletir sobre a importância do Desporto Escolar no sucesso de todos as crianças e em especial das crianças com NEE. Aqui será conveniente referir ainda que este trabalho veio confirmar que as crianças com NEE, beneficiam destas atividades práticas.

Por fim, uma palavra para os alunos, o grande fator neste processo de aprendizagem: a nossa evolução, “nossa” enquanto professora e deles enquanto alunos, só foi possível porque os alunos assim o permitiram, eles foram preponderantes nesta etapa e fundamentais para o sucesso da mesma.

Finalmente, podemos afirmar sem reservas que este estudo permite-nos concluir que houve uma boa inclusão entre pares. Não é por estes “meninos” serem “diferentes” que não terão direito a uma educação apropriada, até porque... não somos todos diferentes? Se a ideia fundamental da inclusão é a de adaptar o sistema educativo às necessidades dos alunos, se a inclusão propõe um único sistema educacional de qualidade para todos os alunos, com ou sem deficiência e com ou sem outros tipos de condição atípica, este projeto de Desporto Escolar Adaptado mostra que a inclusão é possível, exequível e desejável, baseada na valorização e aceitação da diversidade humana e no direito de pertencer e não de ficar de fora.

Limitações do Estudo

Seja-nos permitido chamar a atenção para dois aspetos importantes no que respeita a este tópico. Desde logo, o carácter singular do nosso estudo, limitado a uma turma e a um Agrupamento, portanto, cujas conclusões não podem ser extrapoladas para o universo em

causa. No entanto, a experiência vivida pode servir de guia para situações similares e tornar-se numa “boa prática”.

O segundo aspeto relaciona-se com uma questão técnica. Efetivamente, o nosso registo de observação não obedeceu a uma ficha de registo previamente definida, mas a uma folha de anotações “úteis”. Só ao longo do processo de implementação do projeto sentimos a necessidade de um registo mais contínuo e rigoroso e apercebemo-nos como era evidente e necessário.

A nossa preocupação de assinalar os aspetos que nos interessavam, técnico-táticos e sócio emocionais, foi-nos conduzindo a assinalar um número cada vez maior de comportamentos e atitudes. Pensamos estar agora em condições de vir a elaborar uma adequada e mais eficaz ficha de registo de observação direta, que utilizaremos nos novos grupos de Desporto Escolar Boccia em que estaremos empenhados no futuro imediato.

“O meu amor eu guardo para os mais especiais.

Não sigo todas as regras da sociedade e às vezes ajo por impulso... ”

William Shakespeare

6- Bibliografia

6.1- Referências Bibliográficas

- Alarcão, Isabel (org.). (2002). Escola Reflexiva e Supervisão – Uma Escola Alegre: Artmed Editora, 2ª Edição.
 - Almeida, L.S.; Freire, T. (2008). Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação. Braga: Psiquilibrio. 5ª edição Âncora Editores.
 - Antunes, N.L. (2009). Mal-Entendidos. Da Hiperatividade à Síndrome de Asperger, da Dislexia às Perturbações do Sono. As respostas que Procuo. Lisboa: Versa Kapa.
 - Armstrong, T. (2001), Inteligências Múltiplas na Sala de Aula. 2.ª ed., Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.
 - Bairrão, J. et al. (1998). Os alunos com Necessidades Educativas Especiais, subsídios para o sistema de educação. Lisboa: Editorial do Ministério de Educação
 - Bautista, F., (1999) «Musicoterapia: a música como instrumento terapêutico», in Revista Sinais Vitais, número 26 (9).
 - Bautista, Rafael, et al (1997) – Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro, 1997
 - Benavente, A. e Correia, A.P. (1980). Obstáculos ao Sucesso na Escola Primária. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1981. Caderno 3.
 - Bento JO. Desporto, Saúde, Vida. Em defesa do Desporto. Lisboa: Livros Horizonte 1991.
 - Bogdan, R. C. e Biklen, S. K. (1994). Investigação Qualitativa em Educação: uma Introdução à Teoria e Métodos. Porto, Porto Editora.
 - Bogdan, R. C, e Biklen, S. K. (2013), Investigação Qualitativa em Educação, Porto, Porto Editora.
 - Borg, W. R. e Gall, M. D. (1996). Educational Research: And Introduction. Longman.
 - Brennam, W. K. (1990). El Currículo para Niños com Necessidades Especiales. Madrid: Siglo XXI.
-

-
- Campeão, M. S. (2003). Atividades Físicas para pessoas com paralisia cerebral. In: Duarte, E.; Lima S. M. T. Atividades Físicas para pessoas com necessidades especiais. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 - Carmo, H.; Ferreira (1998). Metodologia de Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.
 - Carvalho, R.; Carvalho, J. Manual de Boccia – Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral – Pro-Castro Jaime. Análise de alguns aspetos na prática desportiva por pessoas deficientes. SOBAMA - Revista da Sociedade Brasileira de Atividades Motoras Adaptadas. 1998;3(3):31-4.
 - Chen, D., Essencial Elements in Early Intervention – Visual Impairment and Multiple Disabilities. AFB Press. 1999.
 - CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Organização Mundial da Saúde. Direcção-Geral da Saúde. Lisboa. 2004
 - Coelho, O. (2004). Pedagogia do Desporto - Contributos para uma compreensão do desporto juvenil. Lisboa: Livros Horizonte.
 - Collado, C., Lucio, P., e Sampieri, R. (2006). Metodologia de Pesquisa, 3a Edição, McGraw- Hill.
 - Correia, L. M. (1999). Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares. Porto: Porto Editora.
 - Correia, L. M. (2003). O Sistema Educativo Português e as Necessidades Educativas Especiais. Porto: Porto Editora.
 - Correia, L. M. (2008). Dificuldades de Aprendizagem Específicas: Contributos para uma definição Portuguesa. Porto: Porto Editora.
 - Correia, L., M. (1997). Alunos com Necessidades educativas Especiais nas classes regulares. Porto: Porto editora.
 - Correia, L.M. (1997). Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares. Porto: Porto editora
 - Costa, A.M.B. (1999). Uma educação inclusiva a partir da escola que temos. Lisboa: Ministério de Educação.
 - Coutinho, C. (2016), Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática, Coimbra, Almedina.
-

-
- Coutney, Richard (1974) – Play Drama e Thought, the Intellectual Background to Dramain Education drama Boock Specialist, New York.
 - CP-ISRA - Cerebral Palsy-International Sports and Recreation Association
CP-ISRA – Classification e Sports Rules Manual, 8th Edition 2001- 2004.
 - Cunha, M. R; Yamamoto, E. S.; Nishiguchi, E. L. F. Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral: uma Abordagem Competitiva em Campo Grande, MS. Monografia de Curso de Pós-Graduação em Treinamento Desportivo – Universidade Salgado Filho – Rio de Janeiro, 1999.
 - De Ciência, Revista de Saúde Pública, 2000;34(1):97-103.
 - Demo, P. (1981). Metodologia Científica em Ciências Sociais. S Paulo: Edições ASA
 - Denzin, N e Lincoln, Y. (2006). O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens. São Paulo: Artmed Editora.
 - Fernandes, L. e Gomes, J. (2003). Relatórios de Pesquisas nas Ciências Sociais: Características e Modalidades de Investigação. Texto Editores.
 - Ferreira, I. N. Caminhos do Aprender: Uma alternativa Educacional Para Criança Portadora de Deficiência Mental. Brasília: CORDE, 1993.
 - Ferreira, V. (1994). Contributos para a Caracterização e Organização das Sessões de Educação Física e Desporto. Revista Ludens, 14 (4), 11-18.
 - Figueira, E. A imagem do portador de deficiência mental na sociedade e nos meios de comunicação. In: Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Especial. Integração. Ano 6, n. 15, p 31-33, 1995.
 - Fonseca, V. (2008). Dificuldades de Aprendizagem: Abordagem Neuropsicológica e psicopedagógica ao insucesso escolar. 4º Ed. Lisboa.
 - Freire, A. S. (2006). O processo de inclusão de alunos surdos na escola regular: Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade, Lisboa.
 - Gardner, Howard (1999), Arte, Mente e Cérebro. Porto Alegre: Artes Médicas Geral de Saúde..
 - Gil, A (2006). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas
 - Gois, Eunice – As Expressões no 1º ciclo- o que mudou como novo programa. NOESIS n.º 24, 1992, pág. 22-24.
-

-
- Guanabara Koogan (2003). Atividades Físicas para pessoas com Necessidades Especiais. Rio de Janeiro: Proposta de ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral. Dissertação de Mestrado.
 - Guttmann L. Antologia Desportiva: o Desporto para Deficientes. Lisboa: Ministério da Educação e Investigação Científica 1977.
 - Jesus, S.,N. e Martins, M. M. (2000). Escola Inclusiva e Apoios Educativos. Porto: Edições ASA
 - Kirk, A.S. e Gallagher, J. (2002). Educação da Criança Excepcional. São Paulo: Martins Fontes Editora.
 - Kirk, A.S. e Gallagher, J. (1996). Educação da Criança Excepcional. São Paulo: Martins Fontes, 3ª Edição.
 - Leite, C. (2001, abril) Reorganização Curricular do Ensino Básico – Problemas, Oportunidades e Desafios. Porto: Edições ASA.
 - Leite, C., Gomes, L., e Fernandes, P. (2001). Projetos Curriculares de Escola e de Turma. Porto: Edições ASA.
 - Leite, Elvira; Malpique, Manuela (s/d), para uma Troca de saberes. M.E.
 - Leite, R. S. Formação de professores: Aquisição de conceitos ou competências? Ministério de Educação e do Desporto. Revista Criança do Professor de Educação Infantil. n° 30, 1999.
 - Leite, Teresa (2000), “As Artes em Terapia e Saúde Mental” in revista Noésis, n.º 53, 2000.
 - Leite, Vera (2007). As Competências Psicológicas no Desporto: Estudo com Atletas de Boccia. Monografia. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Acedido em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14626/2/38617.pdf>.
 - Levy, José Antonio; Oliveira, Acary Souza (2003). Reabilitação em Doenças Neurológicas: Guia Terapêutico Prático. Atheneu Editores.
 - Madureira, I. e Leite, T. (2003). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Universidade Aberta.
 - Oliveira, Diana (2014). Inclusão de Alunos com NEE nas aulas de Educação Física, no ponto de vista dos Professores: Estudo de Caso. Relatório de Estágio, para a
-

-
- obtenção de grau de Mestre em Ensino de E. F dos Ensinos Básico e Secundário. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Acedido em https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/6676/1/msc_drgoliveira.pdf.
- Oliveira, J. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Livraria Almedina
 - Oliveira, Ronaldo Gonçalves (1999). *Bocha Adaptada para Educação*. Revista Educando em Mogi, ano I, n. 5, Mogi das Cruzes, Rio de Janeiro.
 - Pain, Sara; Jarreau J, Gladys (2001), *Teoria e Técnica da Arte-Terapia*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2ª Edição.
 - Pardal, L. e Correia, E. (1994). *Técnicas de pesquisa em ciências sociais*. Porto. Areal Editores
 - Perrenoud, P. (2000). *Construindo competências. Entrevista com Philippe Perrenoud*. Em Nova Escola. Brasil Porto: Edições Asa, 5.ª Edição. X-Porto: Porto Editora.
 - Portugal, Gabriela (1992). *Ecologia e desenvolvimento humano –Aveiro: Cidine prático*. São Paulo: Atheneu, 2003.
 - Quivy, R., e Van Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Psicologia da Educação*. Lisboa Gradiva.
 - Quivy, R., e Van Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa Gradiva.
 - Rangel, M. *Das Dimensões da Representação do “Bom Professor” às dimensões do Processo de Ensino-aprendizagem*. In: Tevês, N. e Rangl, M. *Representação social e educação*. Campinas: Papyrus, 1999.
 - Ribeiro, A.C. (1997). *Formar Professores: Elementos para uma Teoria e Prática de Formação*. Lisboa: Texto Editora. 5ª Edição
 - Ribeiro, C. (1990) *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Universidade Aberta.
 - Santos, A. (1999). *Estudos de psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte
 - Santos, Maria Emília Brederode (1994). *Avaliação da Escola Superior de Educação pela Arte*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
 - Sasaki, R. K. *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos*. 3.ª ed., Rio de Janeiro: WVA, 1999.
-

-
- Serra, H. (2002). Educação Especial, Integração das Crianças e Adaptações das Estruturas de Educação. Braga: Edições APPACDM.
 - Simões, Breda (1977), Enciclopédia Luso Brasileira da Cultura, Vol. 17.
 - Sousa Alberto B (1979) – Educação pelo movimento expressivo. Lisboa: Básica Editora.
 - Sousa, Alberto B (2005). Investigação em Educação. Livros Horizonte.
 - Sousa, Alberto B. (1980) – A expressão dramática. Lisboa: Básica Editora
 - Sousa, Alberto, Pierre (1974) - A criança e a expressão dramática. Lisboa: Editorial Estampa.
 - Sousa,J., Magalhães, J. (2006). Desporto Escolar-Um Retrato; Ministério da Educação, Portugal.
 - Strecht, Pedro (2001), “A Exploração dos Sentidos” in revista Pais e Filhos, n.º 122.
 - Tilley, Pauline (1991), El Arte en la Educación Especial. Barcelona: Edições CEAC, 4.ª Edição.
 - Torrance, E. P (1975). Creativity research in education: Still alive. In I. A. Taylor e J. W Getzels (Eds.) Perspectives in creativity. Chicago: Aldine.
 - Tuckman, B. W. (2000). Manual de Investigação em Educação. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
 - UNESCO (1994) Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das NEE. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.
 - Valente, L. (1998). "Formação e Transformação: Perspectivas de uma educação para o ser" através das expressões artísticas. In Actas do 4.º congresso da SPCE, Aveiro.
 - Valente, L., e Melo., C. (1997). A formação de professores e educadores do 1º ciclo. Revista da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Ano II, número especial. Actas do Encontro: Culturas de Aprendizagem, 449-445.
 - Varela A. O desporto para Pessoas com Deficiência. Expressão Distinta do Desporto. Revista Educação Física Especial. 1991; 5-6:53-62.
-

-
- Warnock Report (1978). Report of the Committee of Enquiry into the Education of Handicapped Children and Young People. London: Her Magessty's Stationery Office.
 - Werneck, Claudia. Muito Prazer eu Existo: Um livro sobre as pessoas com Síndrome de Down. Rio de Janeiro: WVA, 1993.
 - Zabalza, Miguel, Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola. Edições Asa, 2003.

6.1- Sitografia

- http://cefopna.edu.pt/revista/revista_16/es_02_16_.htm
 - <http://uaamredonda.blogspot.com>.
 - <http://desportoescolar.dge.mec.pt>.
 - <http://desportoescolar.dge.mec.pt/boccia-0>.
 - <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/download/2586/pdf124>
 - http://desportoescolar.dge.mec.pt/sites/default/files/modalidades/regulamentos/regrasnacionaisboccia_desporto_escolar.pdf
 - <http://desportoescolar.dge.mec.pt/historia>
identidade e desenvolvimento profissional, in Moreira, António F. B e International Boccia Comission.
 - <http://www.bocciainternational.com/e1/classification/Classificatio.htm>
 - http://desportoescolar.dge.mec.pt/sites/default/files/re_boccia_13_17_revisto_em_setembro_2016v2.pdf.
 - O Esporte Adaptado. Revista Digital, Ano 8, no. 51. Retrieved Nov 22, 2006 from www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm.
 - <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.18n5p623OMS>. Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Lisboa
-

7 - ANEXOS

ANEXO 1- Pedido de Autorização das entrevistas – Diretor Agrupamento/Encarregados Educação

Exmo. Senhor Diretor do Agrupamento de Escolas de Vialonga

Eu, Ana Maria Gomes, docente, do grupo de Educação Física - 260, efetiva no Quadro de Agrupamento de Escolas de Vialonga e aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor pelo Instituto Superior de Ciências Educativas, encontro-me neste momento, a realizar a dissertação intitulada “A Inclusão pelo Desporto Escolar- Boccia”. Assim, na medida em que se perspetiva que os resultados da presente investigação poderão constituir um elemento de extrema relevância para a intervenção junto dos alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais, venho por este meio solicitar a V. Ex^a. autorização para contactar e realizar as entrevistas (suporte áudio) aos alunos e pais do agrupamento, que frequentam o Desporto Escolar Boccia, desde que os mesmos estejam dispostos a colaborar.

Assim, comprometo-me, por minha honra:

- Garantir a preservação da confidencialidade dos dados recolhidos;
- Não utilizar os dados pessoais obtidos para outros fins que não o da investigação.

Agradeço desde já toda a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos.

Vialonga, 9 de março de 2017

A professora:

Ana Maria Gomes

Ana Maria Gomes

Exmos. Senhores Encarregados de Educação

Eu, Ana Maria Gomes, docente, do grupo de Educação Física- 260, efetiva no Quadro de Agrupamento de Escolas de Vialonga e aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor pelo Instituto Superior de Ciências Educativas, encontro-me neste momento, a realizar a dissertação intitulada “A Inclusão pelo Desporto Escolar- Boccia”. Assim, na medida em que se perspetiva que os resultados da presente investigação poderão constituir um elemento de extrema relevância para a intervenção junto dos alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais, venho por este meio solicitar a V.Ex^a. autorização para contactar e realizar as entrevistas aos vossos educandos, que frequentam o Desporto Escolar Boccia.

Assim, comprometo-me, por minha honra:

- Garantir a preservação da confidencialidade dos dados recolhidos;
- Não utilizar os dados pessoais obtidos para outros fins que não o da investigação.

Agradeço desde já toda a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos.

Vialonga, 9 de março de 2017

A professora:

Ana Maria Gomes

Ana Maria Gomes

ANEXO 2- Guiões das Entrevistas:**2.1- Alunos do Ensino Regular****Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas**

A presente entrevista tem em vista o desenvolvimento de um projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Os objetivos fundamentais que se pretendem atingir, visam sobretudo, apurar a inclusão entre os praticantes do Desporto Escolar Boccia da UM e dos alunos de várias turmas do ensino regular com e sem NEE.

Neste sentido, solicito a sua colaboração na investigação. A sua colaboração é essencial. Os dados obtidos através desta entrevista são confidenciais.

Caracterização do Sujeito:**Ano Escolaridade:****Idade:****Género:****Entrevista a alunos do ensino regular:****1- Qual a razão que te levou a praticar Boccia?****2- O que gostas mais na modalidade?****3- O que mais gostas nos treinos?****4- Sugeres alguma alteração aos treinos?****5- O que mais te agrada e desagrada na competição/encontros?****6- Relativamente ao contacto estabelecido com os alunos portadores de deficiência, o que mais te agradou ou desagradou?****7- Como te sentes quando jogas com os alunos portadores de deficiência?****8- Em relação aos teus pais/encarregado de educação, apoiam-te na prática deste**

desporto e têm por hábito falar sobre os treinos e as competições?
9- Quando pensas neste desporto que situações ou problemas te costumam preocupar mais?
10- Tens medo/receio que te ocorra algo na prática da modalidade?
11- De que modo a convivência com pessoas consideradas diferentes contribui para a melhoria do teu dia a dia.
12- O que achas que precisa ser mudado neste projeto?

Professora Ana Gomes

2.2- Alunos da UM e Currículo Funcional

Caracterização do Sujeito:
Ano Escolaridade:
Idade:
Género:
<u>Entrevista a alunos da Unidade de Multideficiência e Currículo Funcional:</u>
1- O que gostas mais na modalidade?
2- O que mais gostas nos treinos?
3- Há alguma coisa que gostavas de mudar nos treinos?
4- O que mais gostas e menos gostas na competição ou nos encontros?
5- Divertiste-te nos treinos?
6- Quando jogas Boccia tens medo de te magoar?
7- O que sentes quando jogas com os alunos das outras turmas?
8- O que achas que precisa de ser mudado neste projeto?

Professora Ana Gomes

2.3- Alunos que desistiram da prática do Boccia

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade:

Idade:

Género:

Entrevista a alunos que desistiram da prática do Boccia:

1- Inscreveste-te na modalidade por livre vontade ou por imposição de colegas/pais/professores?

2- O que mais gostaste na modalidade quando a praticaste?

3- Houve alguma situação nos treinos que te tenha causado desagrado?

4- Qual a tua opinião acerca dos encontros/competição?

5- Que motivo(s) te levou(aram) a desistir da modalidade?

6- O que achas que precisa de ser mudado neste projeto?

Professora Ana Gomes

2.4- Pais dos Alunos Intervenientes no Projeto

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas:

Idade:

Género:

Entrevista aos pais Dos Alunos Intervenientes no Projeto

1- Tem por hábito dialogar com o seu educando acerca do desporto escolar - Boccia?

Ana Maria Gomes

2- Acha benéfico para o seu educando a prática da modalidade. Se sim, em que medida?

3- Denota ansiedade ou alteração de comportamento aquando dos encontros e/ou competição?

4- Na sua opinião e tendo em conta o contacto com alunos portadores de deficiência, considera a prática da modalidade uma mais valia para o seu educando ou, pelo contrário, sente que esta representa algum constrangimento?

5 - Pretende fazer algum comentário/sugestão no que diz respeito ao projeto?

Professora Ana Gomes

2.5- Professores dos Alunos Intervenientes no Projeto

2.5.1- Professores - Alvo: Educação Especial

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Pós-Graduação em Educação Especial DCM

Idade: 38 anos

Género: F

Entrevista aos Professores dos Alunos Intervenientes no Projeto

Professores - Alvo: Educação Especial

1- Enquanto professor de educação especial, que feedback tem por parte dos alunos acerca da modalidade Boccia que praticam.

2- Sente os alunos motivados/entusiasmados para a prática da modalidade?

Ana Maria Gomes

3- Os alunos evidenciam progressos na sua valorização pessoal e/ou relação com os outros?

4- Que balanço faz da parceria estabelecida para a promoção da modalidade nos alunos da unidade de multideficiência?

Professora Ana Gomes

2.5.2- Professores - Alvo: Educação Física

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Pós-Graduação em Educação Especial DCM

Idade: 38 anos

Género: F

Professores - Alvo: Educação Física

1- Estabeleceu alguma parceria ou contacto com os alunos praticantes da modalidade Boccia?

2- Realizou ou prevê realizar algum tipo de articulação entre os alunos portadores de deficiência que praticam a modalidade e os alunos das turmas regulares a quem leciona a sua disciplina?

3- Pensa que, os alunos de uma forma geral, estão recetivos à prática deste desporto escolar ou existe algum entrave ou preconceito?

4- Na sua opinião, qual a importância da implementação deste tipo de projeto na escola?

Anexo 3- Protocolo das Entrevistas**Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas****Caracterização do Sujeito:****Ano Escolaridade: 6ºH****Idade: 12 anos****Género: F****Entrevista a alunos do ensino regular (entrevista 1):****1. Qual a razão que te levou a praticar Boccia?**

A razão que me levou a praticar esta modalidade foi por ser uma modalidade nova que eu não conhecia.

2. O que gostas mais na modalidade?

O que eu mais gosto é de ir a competições e conviver com as outras pessoas.

3. O que mais gostas nos treinos?

De conviver com os portadores de deficiência.

4. Sugeres alguma alteração aos treinos?

Sim, o lugar onde são realizados, são realizados ao pé do refeitório e há lá um corredor e muitas pessoas a circular por lá.

5. O que mais te agrada e desagrada na competição/encontros?

O que mais me agrada é de ganhar as competições e conviver com as pessoas com deficiência, e o que não me agrada é que eles não tomem atenção.

6. Relativamente ao contacto estabelecido com os alunos portadores de deficiência, o que mais te agradou ou desagradou?

O que mais me agrada é vê-los felizes e desagrada-me que faltem ao respeito às outras pessoas.

7. Como te sentes quando jogas com os alunos portadores de deficiência?

Sinto-me feliz por estar com eles.

8. Em relação aos teus pais/encarregado de educação, apoiam-te na prática deste desporto e têm por hábito falar sobre os treinos e as competições?

Sim tem hábito, pois apoiam-me muito neste desporto.

9. Quando pensas neste desporto que situações ou problemas te costumam preocupar mais?

Os problemas que me costumam preocupar mais, é faltar às aulas e poder perder matéria importante.

10. Tens medo/receio que te ocorra algo na prática da modalidade?

Não, pois sei que estou bem acompanhada.

11. De que modo a convivência com pessoas consideradas diferentes contribui para a melhoria do teu dia a dia.

Contribui porque me sinto mais feliz.

12. O que achas que precisa ser mudado neste projeto?

Apenas o recinto dos treinos.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade: 6º H

Idade: 13 anos

Género: F

Entrevista a alunos do ensino regular (entrevista 2):

1. Qual a razão que te levou a praticar Boccia?

Então... foi por que como a modalidade para mim era nova e nunca tinha ouvido, quis experimentar.

2. O que gostas mais na modalidade?

De jogar (...) com os alunos que têm esta deficiência.
<p>3. O que mais gostas nos treinos?</p> <p>Então, também de jogar com eles.</p>
<p>4. Sugeres alguma alteração aos treinos?</p> <p>Não, são fixes.</p>
<p>5. O que mais te agrada e desagrada na competição/encontros?</p> <p>A mim também nada me desagradou. Então, eu gosto de jogar com eles, agrada-me. Também gosto muito de jogar e... pronto, quero ir participar.</p>
<p>6. Relativamente ao contacto estabelecido com os alunos portadores de deficiência, o que mais te agradou ou desagradou?</p> <p>Ah pronto... então!! foi o que eu disse como eles querem sempre estar a jogar. Nada me desagradou.</p>
<p>7. Como te sentes quando jogas com os alunos portadores de deficiência?</p> <p>Sinto-me bem, porque estou a jogar com eles.</p>
<p>8. Em relação aos teus pais/encarregado de educação, apoiam-te na prática deste desporto e têm por hábito falar sobre os treinos e as competições?</p> <p>Sim, eles apoiam-me e quando há as competições ou os treinos eles perguntam-me sempre como correu, se eu gostei e assim..</p>
<p>9. Quando pensas neste desporto que situações ou problemas te costumam preocupar mais?</p> <p>Nada... só se eles se aleijaram ou qualquer coisa assim.</p>
<p>10. Tens medo/receio que te ocorra algo na prática da modalidade?</p> <p>Não... ah sim... tenho medo que eles se aleijem.</p>
<p>11. De que modo a convivência com pessoas consideradas diferentes contribui para a melhoria do teu dia a dia.</p> <p>Então, mesmo por serem consideradas diferentes contribui para o meu dia a dia... é fixe conversar com eles.</p>
<p>12. O que achas que precisa ser mudado neste projeto?</p>

Nada, está tudo bem assim. Quanto ao espaço deveríamos ter algum sítio para jogar, um ringue ou ali ao pé do refeitório.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade: 8ºE

Idade: 15 anos

Género: M

Entrevista a aluno do ensino regular (NEE):

1. Qual a razão que te levou a praticar Boccia?

Boccia é um desporto que é divertido, conseguimos conviver uns com os outros no Boccia e prontos... foi mais ou menos isso e até porque que me chamou atenção a atividade em si.

2. O que gostas mais na modalidade?

O que gosto mais na modalidade... é uma modalidade que dá para conviver, ao mesmo tempo desafiámos um ao outro em campo para ver quem consegue ganhar e é uma modalidade que não tem muita guerra uma modalidade assim mais simples e é divertido.

3. O que mais gostas nos treinos?

O que eu mais gosto nos treinos é a convivência que nós todos temos uns pelos outros e não descriminalizamos sendo pessoas com problemas ou pessoas sem problemas, convivemos todos juntos.

4. Sugeres alguma alteração aos treinos?

Podia haver mais treinos por semana, visto que só há um.

5. O que mais te agrada e desagrada na competição/encontros?

Ah nos encontros o que mais me desagrada, é que às vezes, pessoas do lado de fora a falar com os seus atletas, visto que não se pode, é falta. E o que mais me agrada é eu

saber que eu estando lá, tendo necessidades especiais ou não tendo, toda a gente me vê de igual forma como qualquer outro atleta que esteja lá.

6. Relativamente ao contacto estabelecido com os alunos portadores de deficiência, o que mais te agradou ou desagradou?

Então, o que mais me agradou foi saber que estava lá ao pé deles, eu era visto como eles, eles gritavam comigo naturalmente, eu lidava com eles naturalmente, e dava para conviver ao pé deles. Uma coisa que me desagradou é que às vezes eles estão muito distraídos e isso não me agrada lá muito.

7. Como te sentes quando jogas com os alunos portadores de deficiência?

Ah, eu sinto-me normal e sinto um pouco mais contente de saber que há uma atividade que podemos juntar todos, sem que haja discriminação, mas não sinto nada de diferente, sinto-me bem.

8. Em relação aos teus pais/encarregado de educação, apoiam-te na prática deste desporto e têm por hábito falar sobre os treinos e as competições?

Apoiar, apoiam-me sim... mas nós não temos muito esse hábito de falar dos treinos e competições, mas eles apoiam-me sempre.

9. Quando pensas neste desporto que situações ou problemas te costumam preocupar mais?

Costuma-me preocupar o problema de eu me sentir um pouco nervoso, de eu saber que vou lá e não conseguir por a bola mesmo ao pé da outra e é mais essas questões que me preocupam um pouco mais.

10. Tens medo/receio que te ocorra algo na prática da modalidade?

Não, não tenho nenhum receio, nenhum medo, porque eu me sinto lá em família, então, não sinto que tenha de ter medo.

11. De que modo a convivência com pessoas consideradas diferentes contribui para a melhoria do teu dia a dia.

Ah... Contribui porque quando eu estou lá a conviver com eles, assim consigo ver que eles têm aqueles problemas, mas são pessoas exatamente iguais com algumas menos capacidades, mas de resto são pessoas exatamente como eu. E assim fico um pouco mais

feliz visto eles podem fazer tudo o que eu posso fazer.

12. O que achas que precisa ser mudado neste projeto?

Neste projeto... podia se calhar haver um pouco mais de provas e devíamos tentar fazer com que as pessoas que conseguem passar e ganhar, não sei, pudessem ter (...) mais competição e levar as coisas mais a sério, as pessoas costumam falar muito de fora para dentro e visto as regras que a competição tem.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade: 6ºH (UM)

Idade: 13 anos

Género: M

Entrevista a aluno da Unidade de Multideficiência e Currículo Funcional (entrevista 1):

1. O que gostas mais na modalidade?

Eu gosto de interagir com os alunos e com as outras pessoas.

2. O que mais gostas nos treinos?

Eu gosto de competir e de fazer piadas e chatear (..) porque eu sou mauzinho com a Raquel.

3. Há alguma coisa que gostavas de mudar nos treinos?

Ter um espaço para nós.

4. O que mais gostas e menos gostas na competição ou nos encontros?

Eu gosto muito de poder jogar com outras pessoas, do que a minha turma original. O que eu gosto menos, não sei...

5. Divertiste-te nos treinos?

Sim, muito (...) com o Pedro, a Raquel...

6. Quando jogas Boccia tens medo de te magoar?

Não, porque as bolas não magoam, eu sei... já levei com uma de peso.

7. O que sentes quando jogas com os alunos das outras turmas?

Eu sinto-me como se fosse normal, sinto-me como se fosse lá do Centro Especial.

8. O que achas que precisa de ser mudado neste projeto?

Como eu disse nos treinos, ter um espaço para jogar, ter um espaço para treinar.
(...) E também acho que deviam ser mais pessoas, tipo em vez de serem 6 serem 8.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade: 5°C (UM)

Idade: 11 anos

Género: M

Entrevista a alunos da Unidade de Multideficiência e Currículo Funcional (entrevista 2):

1. O que gostas mais na modalidade?

Sair da escola (...) Ir à escola de Alverca.

2. O que mais gostas nos treinos?

Jogar com os nossos amigos.

3. Há alguma coisa que gostavas de mudar nos treinos?

Ter um espaço só para o Boccia.

4. O que mais gostas e menos gostas na competição ou nos encontros?

Ver os amigos que tinha do ano passado.

5. Divertiste-te nos treinos?

Sim, muito.

6. Quando jogas Boccia tens medo de te magoar?

Não.

7. O que sentes quando jogas com os alunos das outras turmas?

Sinto-mo bem.

8. O que achas que precisa de ser mudado neste projeto?

Mais tempo para jogar e treinar.

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade: 7º Ano

Idade: 13 anos

Género: M

Entrevista a alunos que desistiram da prática do Boccia (Entrevista 1):**1- Inscreveste-te na modalidade por livre vontade ou por imposição de colegas/pais/professores?**

Por livre vontade (...) porque fiz aquilo que gostava e... não fiz por obrigação de pessoas, fiz aquilo que para mim era bom.

2- O que mais gostaste na modalidade quando a praticaste?

Gostei mais da convivência com as pessoas que eram de outras equipas e mesmo da nossa.

3- Houve alguma situação nos treinos que te tenha causado desagrado?

Não. Porque naquilo que nós fazíamos os outros também ajudam uns aos outros.

4- Qual a tua opinião acerca dos encontros/competição?

Eu gostei, porque mesmo havido uma equipa que perdeu e que ganhou toda a gente simpatizou uma com a outra.

5- Que motivo(s) te levou(aram) a desistir da modalidade?

Porque tinha de estudar para os testes e para as aulas e... o boccia influenciava a que tivesse de faltar aos testes e aos estudos.

6- O que achas que precisa de ser mudado neste projeto?

Eu acho que precisa o espaço em que nós treinamos é muito pequeno e tem poucas condições. E o número de pessoas que participam na equipa não chegam para que a equipa tenha bons resultados.

(...) os professores precisam de ter em consideração as pessoas que não vão e que vão aos torneios, por isso, devem marcar noutra altura que todos estivessem na aula.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Ano Escolaridade: 7º Ano

Idade: 13 anos

Género: F

Entrevista a aluna NEE que desistiu da prática do Boccia (Entrevista 2):

1- Inscreveste-te na modalidade por livre vontade ou por imposição de colegas/pais/professores?

Por livre vontade.

2- O que mais gostaste na modalidade quando a praticaste?

Dos desportos que nós praticámos, da convivência com os colegas e a professora também me ajudou muito.

3- Houve alguma situação nos treinos que te tenha causado desagrado?

Não. Porque são todos bons colegas e conseguimos comunicar bem e entendemo-nos, somos diferentes, mas conseguimos entendermo-nos.

4- Qual a tua opinião acerca dos encontros/competição?

Ana Maria Gomes

Boas, porque os outros conseguiam fazer aquilo que a modalidade é, e não só. Nestes encontros sentia-me como os outros, pelos nossos problemas, sentia-me nos diferentes.

5- Que motivo(s) te levou(aram) a desistir da modalidade?

Sim, por causa das aulas e dos testes, dos estudos. Porque quanto mais anos nós avançamos mais estudos temos que fazer, para a nossa educação.

6- O que achas que precisa de ser mudado neste projeto?

Os alunos gostar mais de competir, e puderem integrar mais pessoas do 5º e de anos diferentes, alguns professores, outro tipo de alunos.
(...) melhorar o espaço.

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: 9º Ano de Escolaridade

Idade: 45 anos

Género: F

Entrevista aos Pais dos Alunos Intervenientes no Projeto (entrevista 1)

1- Tem por hábito dialogar com o seu educando acerca do desporto escolar - Boccia?

Sim temos por hábito falar, principalmente quando há campeonatos, ele fica entusiasmado.

2- Acha benéfico para o seu educando a prática da modalidade. Se sim, em que medida?

Completamente. Em todas as medidas, na interação com outros coleguinhas na atividade física em si, na motricidade que lhe faz muita falta e no entusiasmo pelo tudo o que é atividade física, e quanto saudável isso é para ele e gostaria até que tivesse mais.

3- Denota ansiedade ou alteração de comportamento aquando dos

encontros e/ou competição?

Não. Noto-o sempre tranquilo entusiasmado, não ansioso de uma forma negativa, entusiasmado.

4- Na sua opinião e tendo em conta o contacto com alunos portadores de deficiência, considera a prática da modalidade uma mais valia para o seu educando ou, pelo contrário, sente que esta representa algum constrangimento?

Não, uma grande mais valia e ele sente-se integrado, não se sente posto de parte quando integra esta modalidade, acho que é benéfico para ele e para todos os alunos em circunstâncias como ele, só trás vantagens.

5- Pretende fazer algum comentário/sugestão no que diz respeito ao projeto?

Se calhar que tivesse mais aulas e mais professoras como a senhora, que investe e apostou nestes alunos que são especiais.

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: 12º Ano de Escolaridade

Idade: 32 anos

Género: F

Entrevista aos pais Dos Alunos Intervenientes no Projeto (entrevista 2)**1- Tem por hábito dialogar com o seu educando acerca do desporto escolar - Boccia?**

Sim, até porque não conhecia o desporto e tentei perceber através dele o que era o Boccia.

2- Acha benéfico para o seu educando a prática da modalidade. Se sim, em que medida?

Sim, porque ajudou-o muito no cumprimento de regras, perceber métricas e

cumprir regras que depois foi importante até para a sala de aula.

3- Denota ansiedade ou alteração de comportamento aquando dos encontros e/ou competição?

Ele fica um bocadinho agitado e ansioso, quando se chega perto das datas, mas acho que isso é perfeitamente normal, não é nada de indiferente.

4- Na sua opinião e tendo em conta o contacto com alunos portadores de deficiência, considera a prática da modalidade uma mais valia para o seu educando ou, pelo contrário, sente que esta representa algum constrangimento?

Não, muito pelo contrário, acho que ele fica muito contente, ele é um menino que até reage muito bem às diferenças dos outros, apesar de ser muito espontâneo e perguntar logo porque é que o menino não anda, ou porque é que o menino não fala, mas até é um menino interessado na diferença, portanto, acho que é benéfico. (...) sim sem dúvida, ele gosta tanto de estar na turma, como estar com os amigos portadores de deficiência. Apesar dos problemas deles intelectuais e de integração, mas ele gosta muito e reage muito bem.

5- Pretende fazer algum comentário/sugestão no que diz respeito ao projeto?

Olhe, eu gostava muito que tivessem mais apoios e conseguissem levar o desporto boccia mais longe, porque não é um desporto muito conhecido em Portugal, daquilo que eu pude ver, não é um desporto muito conhecido e acho que todas as crianças deviam realmente começar a tentar perceber melhor e até, pronto... integrar mais as crianças com deficiência e sem deficiência, estarem lado a lado, porque acho que até mesmo as crianças sem deficiência lhes faz bem o contacto com as crianças com deficiência.

(...) ele tem muita dificuldade de coordenação de pés, por exemplo o futebol é um jogo impensável para ele, porque ele não consegue fazer, por exemplo, uma finta ou um remate com sentido único, e o boccia joga mais com as mãos, ele teve menos dificuldade e fez com que ele também perdesse o medo do desporto, da educação, da ginástica. O Ricardo fica muito ansioso com a ginástica, com o não conseguir fazer desporto e o boccia acalmou-o, acabou por mostrar que ele até

consegue fazer desporto e até consegue receber a medalha e para ele receber a medalha foi muito importante, e mesmo que seja um torneio a nível escolar, só o agrupamento em que ele está inserido já seria ótimo. Até mesmo para mostrar que aqui em Vialonga existe um desporto, o boccia, capaz de integrar toda a comunidade, por exemplo eu aqui fiquei muito satisfeita, eu vim a saber que os nossos velhotes, isto não levando a mal, jogam boccia e isso é uma mais valia, por exemplo fazer um encontro com as duas faixas etárias, porque é uma faixa etária que o Ricardo também gosto muito, acho que seria muito interessante investir nesse aspeto.

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Pós-Graduação em Educação Especial DCM

Idade: 38 anos

Género: F

Entrevista aos professores Dos alunos intervenientes no projeto (Entrevista 1) Professores – Alvo: Educação Especial (UM)

1- Enquanto professor de educação especial, que feedback tem por parte dos alunos acerca da modalidade Boccia que praticam.

Ora bem, durante o ano passado foi muito frequente os alunos relatarem vivências da prática do Boccia. Era comum eles contarem-me episódios dos seus treinos, verbalizam sensações e todos numa opinião geral tinham agrado e vinham muito felizes quando praticavam esta modalidade.

2- Sente os alunos motivados/entusiasmados para a prática da modalidade?

Sinto sim, sem dúvida nenhuma. Os alunos encontravam-se muito motivados para a

prática desta modalidade e era notório pela quantidade de vezes que me perguntavam quando é que chegava o dia em que praticava a boccia, ou seja, quando é que chegava o dia em que eles no horário tinham noção que iam ter esta prática desta modalidade.

3- Os alunos evidenciam progressos na sua valorização pessoal e/ou relação com os outros?

Sim, é possível ver progressos nos alunos, quer na sua destreza física, quer na componente psicossocial, notei que os alunos se tornaram mais metódicos, mais pacientes, com mais facilidade em acatar regras, com mais facilidade em acatar rotinas, algo muito próprio de quem está inserido numa competição.

4- Que balanço faz da parceria estabelecida para a promoção da modalidade nos alunos da unidade de multideficiência?

Eu acho um balanço muito positivo, pois tratou-se da prática de uma modalidade adequada e adaptada às necessidades dos alunos. Proporcionou-lhes momentos de treino, proporcionou-lhes momentos de competição em que de uma forma saudável havia interação uns com os outros, crianças em que era notório o seu empenho, mas destaque realmente o empenho da docente responsável por esta modalidade, a professora Ana Gomes.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:
Habilitações Académicas: Bacharelato em Educação Visual e Tecnológica

Idade: 56 anos

Género: F

Entrevista aos professores Dos alunos intervenientes no projeto (Entrevista 2)

Professores - Alvo: Educação Especial

1 - Enquanto professor de educação especial, que feedback tem por parte dos alunos acerca da modalidade Boccia que praticam.

O feedback que tenho é muito positivo, porque os alunos gostam imenso, sentem-se muito motivados para trabalhar nesta modalidade e com outros meninos de outras turmas que não têm tantos problemas como eles e sentem-se mais realizados fazendo parte duma atividade diferente.

2 - Sente os alunos motivados/entusiasmados para a prática da modalidade?

Muito, muito... estão sempre a falar do Boccia, gostam muito até porque é uma coisa completamente diferente daquilo que estão habituados a fazer, eles não conheciam este desporto e agora conhecem e acho que gostam muito e estão sempre desertos para ir praticar, seja nos treinos seja nos torneios.

3 Os alunos evidenciam progressos na sua valorização pessoal e/ou relação com os outros?

Sim, fazem conhecimentos com outras turmas, com outros tipos de meninos e também até com outras escolas, e com outros professores quando têm de sair aqui do espaço da escola.

4 - Que balanço faz da parceria estabelecida para a promoção da modalidade nos alunos da unidade de multideficiência?

É muito positivo, porque qualquer atividade que promova a inclusão é ótima e é o que

estes meninos precisam e gostam muito, gosta imenso, chova, faça sol, faça frio, eles gostam sempre de a praticar, seja no campo, ou noutro sítio como eu já disse e estão sempre desertos a ir jogar às outras escolas, nos torneios, porque tem contacto com outras pessoas e outras vivências, eu acho que foi muito bom e é de continuar.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Pós-Graduação em Educação Especial DCM

Idade: 52

Género: M

Entrevista aos professores Dos alunos intervenientes no projeto (Entrevista 3)

Professores - Alvo: Educação Especial

1- Enquanto professor de educação especial, que feedback tem por parte dos alunos acerca da modalidade Boccia que praticam.

Tenho uma ideia muito definida, sinto que os alunos realmente gostam muito, eles antes, uma semana ou duas semanas eles já dizem stor na próxima semana, não posso vir à escola porque vou para o Boccia, aquilo é um motivo de satisfação, normalmente eles nunca faltam, libertam-se sentem-se valorizados e isso é uma mais valia para alunos que à partida já têm algum estigma.

2- Sente os alunos motivados/entusiasmados para a prática da modalidade?

Sim. sim acho que os alunos de Educação Especial eles sentem-se bem em tudo o que seja modalidades práticas, Educação Física e outras atividades praticas Música e outras...nota-se que é uma coisa em que eles gostam muito de fazer e eles sentem-se bem, ao contrario de trabalhos teóricos já há uma recusa natural, portanto acho que as modalidades práticas é uma mais valia para este tipo de alunos.

Ana Maria Gomes

3- Os alunos evidenciam progressos na sua valorização pessoal e/ou relação com os outros?

Sim, sim neste tipo de atividades nota-se que neles a autoestima sobe e nota-se uma maior satisfação na interação com os outros, acho que isto só melhora a autoestima deles.

4- Que balanço faz da parceria estabelecida para a promoção da modalidade nos alunos da unidade de multideficiência?

Acho que foi uma das coisas mais acertadas que a Educação Especial da Escola implementou, porque realmente nota-se que em vez de os alunos estarem confinados ao espaço de multideficiência, sente-se que alarga os seus conhecimentos, alarga o seu mundo e isto tudo só vem trazer melhorias para os próprios alunos a todos os níveis no seu crescimento e no seu crescimento físico e no seu crescimento intelectual.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Licenciatura em Ciências do Desporto- Educação Física

Idade: 43 anos

Género: M

Professores - Alvo: Educação Física (Entrevista 1)

- **Estabeleceu alguma parceria ou contacto com os alunos praticantes da modalidade Boccia?**

Sim no ano letivo 2016-2017 participei numa atividade realizada pelo grupo de Educação Física com alunos do grupo equipa Boccia.

- **Realizou ou prevê realizar algum tipo de articulação entre os alunos portadores de deficiência que praticam a modalidade e os alunos das turmas regulares a quem leciona a sua disciplina?**

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

Sim neste ano Letivo estou com um grupo de equipa Boccia que vai participar em várias atividades como é evidente e onde vai haver uma certa articulação entre os alunos portadores de deficiência e alunos das turmas regulares.

- **Pensa que, os alunos de uma forma geral, estão recetivos à prática deste desporto escolar ou existe algum entrave ou preconceito?**

Sim pela experiencia do ano anterior e deste ano os alunos que estão recetivos não existindo qualquer tipo de preconceito.

- **Na sua opinião, qual a importância da implementação deste tipo de projeto na escola?**

Julgo que é muito importante porque permite uma maior inclusão dos alunos portadores de deficiência na comunidade. Os alunos das turmas regulares fazem um acompanhamento dos alunos com uma certa deficiência, é muito importante para eles fazerem uma parceria no desporto.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Licenciatura em Ciências do Desporto- Educação Física

Idade: 38 anos

Género: M

Professores - Alvo: Educação Física (Entrevista 2)

- 1- **Estabeleceu alguma parceria ou contacto com os alunos praticantes da modalidade Boccia?**

Sim, não só porque fui professor ao longo do ano letivo do aluno Vicente que faz parte da UM e que o acompanhava nas aulas de Educação Física e que ele, também participava no Desporto Escolar Boccia, como também tive um aluno da minha direção de turma que tinha NEE e que praticava o

Ana Maria Gomes

Boccia tendo inclusivamente ficado em quarto lugar, penso eu, a nível dos encontros escolares na zona de Lisboa.

2- Realizou ou prevê realizar algum tipo de articulação entre os alunos portadores de deficiência que praticam a modalidade e os alunos das turmas regulares a quem leciona a sua disciplina?

Sim, o apanágio do nosso Agrupamento todos os anos, temos um dia onde realizamos uma atividade em grande com os alunos da Unidade com os alunos das turmas dita normais, inclusivamente já convidámos alunos de outras instituições para virmos fazer uma atividade todos juntos, para haver este intercâmbio, e este ano inclusivamente essa grande atividade foi um torneio Boccia, até tivemos uma situação engraçada que foi alguns pais que estavam assistir, que nós permitimos que assistissem, quiseram vir participar connosco e nós incentivamos isso porque a ideia do Boccia é também é tentar ao máximo que os alunos que têm algumas dificuldades se sintam mais entrosados possível junto das outras turmas e com os outros colegas da escola.

3- Pensa que, os alunos de uma forma geral, estão recetivos à prática deste desporto escolar ou existe algum entrave ou preconceito?

Não, pelo contrario não há preconceito nenhum, os alunos que têm mais capacidades física até ajudam bastante os outros colegas, acho que é um projeto de Desporto escolar uma atividade muito inclusiva, e que permite que os alunos com algumas dificuldades possam realizar uma atividade desporto escolar e acompanhados também por colegas e que têm melhores capacidades.

4- Na sua opinião, qual a importância da implementação deste tipo de projeto na escola?

Acho que já respondi um bocadinho ao longo da entrevista, o desporto escolar por si só é um projeto que é muito importante para as escolas na nossa escola existem diversos núcleos de desporto escolar com uma enorme adesão, o desporto pelas mais variadas razões cativa os miúdos desvia-os de

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

alguns caminhos menos positivos. Em relação ao Boccia concretamente é aquilo que eu já disse, todos podemos praticar Boccia, é um jogo giro divertido com regras que ao fim de pouco tempo já as percebemos, com objetivo claro de aproximação das nossas bolas à bola branca. E os miúdos gostam muito divertem-se muito, há uma competitividade muito saudável e depois tem esta mais valia de poder conjugar os alunos com algumas dificuldades motoras, com outros alunos que não têm essas dificuldades e haver uma interajuda muito grande e essa situação é muito positiva para nós e nós como Professores de Educação Física achamos isso muito importante.

Professora Ana Gomes

Caracterização do Sujeito:

Habilitações Académicas: Licenciatura em Ciências do Desporto- Educação Física

Idade: 38 anos

Género: F

Professores - Alvo: Educação Física (Entrevista 3- Coordenadora Do Desporto Escolar)

1- Estabeleceu alguma parceria ou contacto com os alunos praticantes da modalidade Boccia?

Sim, nós temos alunos do currículo funcional que praticam esta modalidade desde o ano passado... organizando uma atividade Boccia com estes alunos, e, portanto, tenho contacto com estes alunos que também são meus alunos em algumas turmas.

2- Realizou ou prevê realizar algum tipo de articulação entre os alunos portadores de deficiência que praticam a modalidade e os alunos das

Ana Maria Gomes

turmas regulares a quem leciona a sua disciplina?

Sim, prevê-se essa articulação quando se realiza a atividade que referi há bocado do torneio dito chamado Boccia em que se juntam alunos das turmas ditas normais, com alunos portadores de deficiência ou com NEE.

3- Pensa que, os alunos de uma forma geral, estão recetivos à prática deste desporto escolar ou existe algum entrave ou preconceito?

Penso que os alunos desconhecem o que é o Boccia. Os alunos ditos normais e que não sabem e quando questionados depois quando se explica qual é o jogo os alunos até gostam, porque pelo menos eu não digo que é um jogo para alunos com necessidades educativas especiais, portanto, é um jogo que pode ser jogado por qualquer um tipo de crianças, está adaptado a crianças com NEE, portanto estão recetivas ao jogo, a conhecer pelo menos, dos alunos que me têm abordado, depois de explicarmos um bocadinho o jogo, eles estão recetivos e alguns até praticam.

4- Na sua opinião, qual a importância da implementação deste tipo de projeto na escola?

Eu acho que ao nível do Desporto Escolar é sempre importante variar o tipo de modalidades e também haver grupos específicos para este tipo de alunos, embora eles possam participar em qualquer um dos outros, mas estes estão mais adaptados às suas capacidades. Acho que é bastante importante, tanto que aumentámos o número de horas do núcleo de Boccia, também tendo em conta a grande adesão do ano passado, e deve sempre haver alguma coisa diferente para estes miúdos para que os outros também possam integrar estes núcleos e não os alunos com NEE como utilizadores de cadeiras de roda, etc. que não podem praticar um jogo desportivo coletivo, normal.

(...) houve uma grande inclusão e uma forte dinâmica entre alunos ditos normais e os alunos com NEE, que até passaram a gostar bastante do jogo e todos gostam de o praticar. Apesar de ser um núcleo específico em que primeira prioridade será para os alunos NEE os outros também participam e gostam de participar e acompanham os professores e o grupo nas atividades externas que se realizam.

Professora Ana Gomes

Ana Maria Gomes

Anexo 4 - Plano Anual de Atividades de Educação Física 2016/17

Calendário 2016/2017

DIAS	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
2ª									1		
3ª			1						2 AFEZº		
4ª			2			1	1		3 AFEZº		
5ª	1		3	1		2	2		4 AFEZº	1	
6ª	2		4	2		3	3		5 AFEZº	2	
Sáb.	3	1	5	3		4	4	1	6	3	1
Dom.	4	2	6	4	1	5	5	2	7	4	2
2ª	5	3	7	5	2	6	6	3	8 AFEZº	5	3
3ª	6	4	8	6	3	7	7	4	9 AFEZº	6 9º	4
4ª	7	5	9	7	4	8	8	5	10	7	5
5ª	8	6	10	8	5	9	9	6	11	8 AFEZº	6
6ª	9	7	11	9	6	10	10	7	12	9	7
Sáb.	10	8	12	10	7	11	11	8	13	10	8
Dom.	11	9	13	11	8	12	12	9	14	11	9
2ª	12	10	14	12	9	13	13	10	15	12 AFEZº	10
3ª	13	11	15	13	10	14	14	11	16	13	11
4ª	14	12	16	14	11	15	15	12	17	14	12
5ª	15	13	17	15	12	16	16	13	18	15	13
6ª	16	14	18	16	13	17	17	14	19	16 17º 8º	14
Sáb.	17	15	19	17	14	18	18	15	20	17	15
Dom.	18	16	20	18	15	19	19	16	21	18	16
2ª	19	17	21	19	16	20	20	17	22	19 AFEZº	17
3ª	20	18	22	20	17	21	21	18	23	20	18
4ª	21	19	23	21	18	22	22	19	24	21 AFEZº	19
5ª	22	20	24	22	19	23	23	20	25	22 POR	20 PERÍM
6ª	23	21	25	23	20	24	24	21	26	23 17º 4º	21 POR
Sáb.	24	22	26	24	21	25	25	22	27	24	22
Dom.	25	23	27	25	22	26	26	23	28	25	23
2ª	26	24	28	26	23	27	27	24	29	26	24 MAT
3ª	27	25	29	27	24	28	28	25	30	27 MAT	25
4ª	28	26	30	28	25		29	26	31	28	26
5ª	29	27		29	26		30	27		29	27
6ª	30	28		30	27		31	28		30	28
Sáb.		29		31	28			29			29
Dom.		30			29			30			30
		31			30						31
					31						

Início do ano letivo - entre 9 e 15 de setembro inclusive

Final do ano letivo - 6 de junho - 9º | 16 de junho - 5º, 6º, 7º e 8º | 23 junho - 1º, 2º, 3º e 4º ano



ATIVIDADES EDUCAÇÃO FÍSICA 2016/2017

1º PERÍODO

CORTA-MATO ESCOLAR – 16 NOVEMBRO 4ª FEIRA (4º ANO, 2º E 3º CICLO, SEC.)
 TORNEIO 3X3 BASQUETEBOL – 12 DEZEMBRO 2ª FEIRA (2º E 3º CICLO, SEC.)
 JOGO BASQUETEBOL PROFESSORES ALUNOS – 13 DEZEMBRO 3ª FEIRA

SEMANAS DE SALTO EM ALTURA – AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA 10 A 28 DE OUTUBRO

2º PERÍODO

MEGAS FASE ESCOLA – 2 E 3 FEVEREIRO – 5ª E 6ª FEIRA (2º E 3º CICLO, SEC.)
 TORNEIO DE BASEBOL 2º CICLO – 29 MARÇO – 4ª FEIRA
 TORNEIO DE BASEBOL 3º CICLO – 3 ABRIL – 2ª FEIRA
 JOGO BASEBOL PROFESSORES ALUNOS – 4 ABRIL – 3ª FEIRA
 DANÇAS DO MUNDO

A DEFINIR PELA DGESTE/DE

- CORTA-MATO FASE REGIONAL
- MEGAS FASE REGIONAL
- 3X3 FASE REGIONAL

3º PERÍODO

DIA DO FUTEBOL/JOGO DO MATA – 18 MAIO 5ª FEIRA (3º E 4º ANO)
 BOCCIA/NEE – 30 MAIO 3ª FEIRA
 TORNEIO DE FUTEBOL – 5 JUNHO 2ª FEIRA (2º E 3º CICLO, SEC.)
 TORNEIO TÊNIS DE MESA – 13 JUNHO 3ª FEIRA
 JOGO FUTEBOL PROFESSORES ALUNOS – 16 JUNHO 6ª FEIRA

DIAS TRANCADOS – PROVAS DE AFERIÇÃO E EXAMES, 2º 5º 8º E 9º ANO

Anexo 5 - Plano de Avaliação das Competências Gerais dos Alunos UM

DESPORTO ESCOLAR BOCCIA 2016/17

Sandro Abreu

COMPETÊNCIAS GERAIS	OBSERVAÇÕES
Desenvolvimento das capacidades motoras condicionais	
Resistência – capacidade de suportar e recuperar da fadiga física e psíquica do jogo Boccia	4
Força – capacidade de suportar ou opor-se às resistências do movimento	5
Velocidade – capacidade de realizar movimentos no lançamento da bola	5
Desenvolvimento das capacidades motoras coordenativas	
Destreza (agilidade e coordenação) – capacidade de realizar movimentos no espaço, com alternância de ritmo e velocidade, de forma coordenada e de acordo com a posição das respetivas bolas.	5
Orientação espacial – capacidade de localizar no espaço o corpo e os objetos e deslocar-se de acordo com as linhas do campo e a zona de lançamento.	4
Equilíbrio – capacidade de manter uma determinada postura corporal estática durante o lançamento da bola.	4
Reação – capacidade de agir de forma oportuna no mais curto espaço de tempo durante a jogada	4
Ritmo – capacidade de perceber e interpretar as estruturas temporais e dinâmicas na evolução do movimento	4

Vialonga 16-06-17

A Professora

Ana Gomes

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS/NÍVEIS DE	I	P.A.	T.A.	OBS.
DESEMPENHO/OBJETIVOS DE JOGO– DESPORTO ESCOLAR BOCCIA- Sandro Abreu				
Domínio da lateralidade em relação a si e aos outros;			X	
Desenvolvimento da confiança e autoestima;			X	
Desenvolvimento da Autonomia;			X	
Conhece as regras do jogo, assim como o campo de jogo			X	
Lança a bola sem a deixar cair e consegue colocá-la perto da bola branca.			X	
Respeita o arbitro e conhece a sua vez de jogar			X	
Recolhe as bolas de forma organizada.			X	
Gosta de competir com os colegas			X	
Sabe ganhar e perder no jogo.			X	

I- Iniciado P.A. – Parcialmente atingido T.A. – Totalmente atingido

Vialonga 16-06-17

A Professora: Ana Gomes

Anexo 6 – Documento Orientador de Boccia Fase Local

2016/2017

**DOCUMENTO ORIENTADOR
DE
BOCCIA
FASE LOCAL****Coordenação Local do Desporto Escolar Loures,
Odivelas e Vila Franca de Xira**

19 de outubro de 2016



A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia



Acesso direto aos Links:

Campeonato Local da C.L.D.E. de Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira

D.S.R.L.V.T. - Direção de Serviços Região de Lisboa e Vale do Tejo	
INFORMAÇÕES GERAIS – ENCONTROS FASE LOCAL - ANO LETIVO 2016/2017	
MODALIDADE	Boccia
ENCONTRO Nº:	De acordo com o Plano Anual
LOCAL DA ATIVIDADE:	De acordo com o Plano Anual
DATA:	De acordo com o Plano Anual
GÉNEROS:	Feminino e Masculino
PROFESSOR ANFITRIÃO:	De acordo com o Plano Anual
REGULAMENTOS	<p>A Prova será regida pelos seguintes regulamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Regulamento Geral de Provas (revisto em setembro de 2015) ➤ Regulamento Específico da modalidade revisto em setembro de 2016) <p>A consulta dos regulamentos, encontra-se disponível através do endereço: http://desportoescolar.dge.mec.pt/modalidades ou na pasta, respetivamente, nºs 05 e 03 da Dropbox: http://bit.ly/documentação-cldelovfx</p> <p>Os torneios regem-se pelo Regulamento Geral de Provas e específico da Modalidade, com as seguintes alterações: Competição disputada em poule conforme o número de alunos inscritos em cada classe. Apuram os melhores classificados de cada poule: ¼ final, ½ final, final.</p>
REGULAMENTO DOS ENCONTROS – FASE LOCAL	<p>Individual: Cada jogo será composto por 4 parciais, no caso de empate, será jogado mais um parcial de desempate (<u>não contando estes lançamentos para o resultado final</u>). Equipas: Cada jogo será composto por 6 parciais, no caso de empate, será jogado mais um parcial de desempate (<u>não contando estes lançamentos para o resultado final</u>).</p>
PARTICIPANTES	De acordo com o Regulamento Geral de Provas poderão participar na prova alunos pertencentes aos Estabelecimentos de Educação e Ensino oficial ou particular, com projeto de Desporto Escolar, que se encontrem devidamente inscritos na base de dados do Desporto Escolar, de ambos os géneros.
ACREDITAÇÃO	<p>- Os responsáveis pelos Grupos/Equipa deverão proceder à acreditação dos participantes, no secretariado, sendo necessária a apresentação obrigatória da Ficha de Inscrição do Grupo/Equipa, devidamente autenticada pelo Presidente do Clube do Desporto Escolar da respetiva escola (impresa a partir da Base de Dados do Desporto Escolar).</p> <p>- Os alunos devem ser portadores de Bilhete de Identidade, Passaporte ou outro documento oficial.</p>

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia



Acesso direto aos Links:

Campeonato Local da C.L.D.E. de Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira

EQUIPAMENTO	- Os alunos devem estar devidamente equipados, só assim poderão participar na prova.												
ORGANIZAÇÃO	- No que diz respeito à organização da prova, os grupos de trabalho e o horário definitivo serão enviados posteriormente, em virtude de estar dependentes do número de alunos inscritos.												
INSCRIÇÕES	<p>- Cada grupo-equipa poderá inscrever no máximo de 4 alunos Classe I, independentemente do seu escalão/Sexo. Cada grupo/equipa inscreverá 1 equipa formada por alunos com NEE e sem NEE. Nas restantes classes não haverá limitações às inscrições.</p> <p>- Os alunos que participam na prova devem ser acompanhados por um professor responsável.</p> <p>- Os professores responsáveis pelos grupos/equipa deverão preencher e enviar as inscrições via email, com indicação seus alunos juízes, até dois dias antes de cada encontro/competição, para o email do(s) professor(es) responsável(is) pelo encontro, com conhecimento à coordenação local para, helena.coimbra@dgeste.mec.pt. e hsabaltasar@gmail.com.</p> <p>- Apenas serão aceites inscrições via correio eletrónico.</p>												
DIVISÕES/ CATEGORIAS	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="background-color: #d3d3d3;">Divisões/Categorias</th> <th style="background-color: #d3d3d3;">Competição</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Divisão I - I1</td> <td>Individual</td> </tr> <tr> <td>Divisão I - I2</td> <td>Individual</td> </tr> <tr> <td>Divisão I - I3</td> <td>Individual</td> </tr> <tr> <td>Divisão II – E1</td> <td>Equipas</td> </tr> <tr> <td>Divisão II – E2</td> <td>Equipas</td> </tr> </tbody> </table>	Divisões/Categorias	Competição	Divisão I - I1	Individual	Divisão I - I2	Individual	Divisão I - I3	Individual	Divisão II – E1	Equipas	Divisão II – E2	Equipas
Divisões/Categorias	Competição												
Divisão I - I1	Individual												
Divisão I - I2	Individual												
Divisão I - I3	Individual												
Divisão II – E1	Equipas												
Divisão II – E2	Equipas												
ARBITRAGEM	Os jogos serão arbitrados pelos alunos formados nos grupos/equipa. Nos primeiros jogos os árbitros serão designados pela organização. Compete ao professor responsável pelo grupo-equipa a formação básica do(s) seu(s) juiz(es)-árbitro(s), a realizar durante o primeiro período letivo.												
RESULTADOS	- Os resultados da prova deverão ser enviados para a C.L.D.E. de L.O.V.F.X., até 3 dias úteis após a realização da atividade, anexando a respetiva ficha de relatório da atividade.												
PRÉMIOS	- No último encontro será realizada a entrega de medalhas, aos 3 primeiros classificados. (Individual e Equipas).												
TRANSPORTES E ALIMENTAÇÃO	<p>- Os transportes e alimentação serão da responsabilidade de cada escola participante.</p> <p>- Os alunos deverão fazer-se acompanhar de um reforço alimentar.</p> <p>- Não é permitido comer dentro do pavilhão.</p>												
CASOS OMISSOS	- Os casos omissos e as dúvidas resultantes da aplicação dos regulamentos serão analisados pela organização.												
OBSERVAÇÕES	<p>Para qualquer esclarecimento adicional contactar:</p> <p>helena.coimbra@dgeste.min-edu.pt; 92 5414314</p> <p>hsabaltasar@gmail.com Hugo Baltasar (917954246)</p>												

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia



Acesso direto aos Links:

Campeonato Local da C.L.D.E. de Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira

Listagem Grupos – Equipa 2016-2017

Nº Equipas	Concelho	ESCOLA	RESPONSÁVEL	TELEFONE	EMAIL
1	Loures	Escola Básica Integrada de Bobadela	Fernanda Almeida	932558401	aescolas.bobadela@gmail.com
2	Loures	Escola Básica S. João da Talha	Dina Adónis	966355005	dinadonis@gmail.com
3	Loures	Escola Básica de Camarate	António Loureiro	965052356	amcloureiro@sapo.pt
4	Loures	Escola Básica Luís Sttau Monteiro	Graça Esteves	965722107	maria.graca.esteves@aen1oures.org
5	Loures	Escola Básica da Apelação	Carmen Helena Pereira Vieira	938461566	carmenvieira@eapelacao.pt
6	Loures	Escola Básica João Villaret	Ana Nicolau	963099973	a3nicolau@gmail.com
7	Loures	Escola Básica do Catujal	Luís Jesus	919073248	prof.luis.jesus@gmail.com
8	Odivelas	Escola Básica Pontinha	Ana Sampaio	967221187	aicsampaio@gmail.com
9	Odivelas	Escola Básica D. Dinis	Hugo Baltasar	917954246	hsabaltasar@gmail.com
10	Odivelas	Escola Básica Vasco Santana	Patrícia Alves	962960071	patricia.alves@vasco-santana.edu.pt
11	Vila Franca de Xira	Escola Secundária Gago Coutinho	Susana Ferreira	967164445	620susanaferreira@esgc.pt
12	Vila Franca de Xira	Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos	Dulce Quaresma	966853231	dulce.quaresma@aeprs.pt
13	Vila Franca de Xira	Escola Básica de Vialonga	Ana Gomes	915547065	ana.Gomes@aevialonga.edu.pt

A Inclusão pelo Desporto Escolar Boccia



Acesso direto aos Links:

PLANO ANUAL de BOCCIA 2016-2017

ATIVIDADE/MODELO	DATA	HORA	LOCAL	RESPONSÁVEIS	DIVISÕES	DATA ENVIO INSCRIÇÕES
Reunião de Modalidade	18-10-2016 terça-feira	15:30	Escola Básica D. Dinis	António Loureiro Hugo Baltasar	Todos	_____
Formação de Árbitros	A definir	A definir	Escola Secundária Gago Coutinho	António Loureiro Hugo Baltasar	Todos	A definir
1º Encontro: Individual Zona A	07-12-2016 Quarta-feira	14:00	Escola Secundária de Camarate	António Loureiro Rui Salgado	Todos	30-11-2016 Quarta-feira
1º Encontro: Individual Zona B	07-12-2016 Quarta-feira 14:00	14:00	Escola Secundária Gago Coutinho	Hugo Baltasar Susana Ferreira	Todos	30-11-2016 Quarta-feira
2º Encontro: Individual/Equipas Zona A	01-02-2017 Quarta-feira	10:00 – 16:00	Escola Básica do Catujal	António Loureiro Luís Jesus	Todos	25-01-2017 Quarta-Feira
2º Encontro: Individual/Equipas Zona B	01-02-2017 Quarta-feira	10:00 – 16:00	Escola Secundária Gago Coutinho	Hugo Baltasar Susana Ferreira	Todos	25-01-2017 Quarta-Feira
3º Encontro: Apuramento Regional (Individual/Equipas) Zona A e B	15-03-2017 Quarta-feira	10:00 – 16:00	Agrupamento de Escolas da Bobadela	Hugo Baltasar Rui Salgado	Todos	08-03-2017 Quarta-Feira
4º Campeonato Regional	28-04-2017 sexta-feira	Todo o dia	Pavilhão Multiusos de Odivelas	CLDE LOVFX	Todos	15-04-2017
Dia Paralímpico Nacional	Maio de 2017			DGE-DDE	_____	A definir
5º Campeonato Nacional	18 a 21-05-2017	A definir	Gondomar	DGE-DDE	Todos	A definir
6º Torneio Encerramento Festa do Boccia	Maio de 2017	A definir	Pavilhão Municipal do Casal do Rato	CMOdivelas	Todos	A definir

Anexo 7 – Classificações Do Desporto Escolar Boccia/Apuramento Regional

CLASSIFICAÇÃO BOCCIA CLDE LOVFX - 15 DE MARÇO 2017

I1				
CLASS	AGRUPAMENTO/ESCOLA	NOME	ZONA	
1º	EB LUÍS STTAU MONTEIRO	TIAGO NUNES	LRS	APURADO FASE REGIONAL

I2				
CLASS	AGRUPAMENTO/ESCOLA	NOME	ZONA	
1º	EB CAMARATE	ARIDSON NETO	LRS	APURADO FASE REGIONAL
2º	EB CATUJAL	VIVIANE TEIXEIRA	LRS	
3º	ES GAGO COUTINHO	BEATRIZ PENELAS	VFX	
4º	EB 2,3 LUIS STTAU MONTEIRO	MAKSYM SKIBA	LRS	

I3				
CLASS	AGRUPAMENTO/ESCOLA	NOME	ZONA	
1º	EB CAMARATE	ANDRÉ ESTEVES	LRS	APURADO FASE REGIONAL
2º	EB D. DINIS	PAULO MARTINS	ODV	APURADO FASE REGIONAL
3º	EB D. DINIS	SAMUEL DIAS	ODV	
4º	EB VIALONGA	LEONARDO MACHADO	VFX	
5º	EB CATUJAL	SARA PIMENTA	LRS	
6º	EB CAMARATE	ANA ISABEL REIS	LRS	
7º	EB D. DINIS	GÉRSON EMBALÓ	ODV	
8º	EB APELAÇÃO	MARIA RODRIGUES	LRS	
9º	EB/S REYNALDOS DOS SANTOS	PEDRO RODRIGUES	VFX	
10º	EB CAMARATE	DIOGO SOEIRO	LRS	

E2			
CLASS	AGRUPAMENTO/ESCOLA	ZONA	
1º	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CAMARATE - EB CAMARATE	LRS	APURADO FASE REGIONAL
2º	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. DINIS - EB D. DINIS	ODV	
3º	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CATUJAL - EB CATUJAL	LRS	
4º	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VIALONGA - EB VIALONGA	VFX	
5º	EB LUIS STTAU MONTEIRO	LRS	
6º	EB/S REYNALDO DOS SANTOS	VFX	
7º	ES GAGO COUTINHO	VFX	
8º	EBI BOBADELA	LRS	

Coordenação do Desporto Escolar de Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira

17-03-2017